ATIVIDADE CONSOLIDADA DA CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS EM 31 DE DEZEMBRO DE 2013

Contas não auditadas

www.cgd.pt

Caixa Geral de Depositos

Caixa Geral de Depósitos, S.A. • Sede Social: Av. João XXI, 63 – 1000-300 Lisboa •
Capital Social EUR 5.900.000.000 • CRCL e Contribuinte sob o n.º 500 960 046

[Folha propositadamente deixada em branco]

[Folha propositadamente deixada em branco]

GRUPO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

ATIVIDADE CONSOLIDADA DA CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS EM 31 DE DEZEMBRO DE 2013

CONTAS NÃO AUDITADAS

Caixa Geral de Depositos

DEZEMBRO 2013

HÁ UM BANCO QUE ESTÁ
A AJUDAR A ECONOMIA
A DAR A VOLTA.

A CAIXA COM CERTEZA.

ÍNDICE

1. Aspetos mais Relevantes 8

2. Principais Indicadores 10

3. Enquadramento Económico-Financeiro 12

Mundo 12

Europa 12

Portugal 13

4. Estratégia e Estrutura do Grupo CGD: Evolução em 2013 15

5. Resultados, Balanço, Liquidez e Solvência 18

Resultados 18

Balanço 20

Liquidez 22

Solvência 24

6. Segmentos de Atividade 25

Banca Comercial 25

Atividade Internacional 35

Banca de Investimento 38

Seguros 42

7. Rating 45

8. Fundo de Pensões 46

9. Investimento no Futuro 47

10. Prémios e Distinções 50

11. Balanço Consolidado 52

12. Demonstração de Resultados Consolidada 53

1 ASPETOS MAIS RELEVANTES

RESULTADOS DE DEZEMBRO DE 2013 ([1])

Em 2013, o Grupo CGD manteve a sua orientação estratégica para o financiamento da economia portuguesa, mantendo particular foco no segmento das pequenas e médias empresas (PME), especialmente as orientadas para o setor dos bens e serviços transacionáveis. Neste sentido, a CGD tem reforçado as ligações entre a rede internacional do Grupo, nomeadamente Ásia, África e Europa.

Complementarmente, a CGD continua a ser o banco das famílias Portuguesas, promovendo a poupança e apoiando de forma consistente as respetivas decisões de investimento.

1. Atuando como entidade fundamental no financiamento da Economia Portuguesa e contribuindo de forma ativa para a sua revitalização, a CGD continuou a aumentar a sua quota de mercado de crédito às empresas, a qual cresceu de 17,3% para 18,2%, de dezembro de 2012 a novembro de 2013.

   Este crescimento insere-se na trajetória observada nos últimos 5 anos em que a referida quota subiu 3,4 pontos percentuais (p.p.), de 14,8% para 18,2%.

2. O saldo dos depósitos de clientes continuou a crescer (+1,3%) face a dezembro de 2012, ascendendo a 67 623 milhões de euros, dos quais mais de 70% correspondiam a depósitos a prazo e de poupança. A CGD mantém uma destacada liderança em termos de quota de mercado dos depósitos de clientes, situando-se em 32,6% no segmento de particulares.

   Os recursos de clientes aumentaram 1,3%, atingindo 67 824 milhões de euros.

3. A rede internacional continua a contribuir de forma muito visível para o total da captação, com os depósitos a atingir 14 557 milhões de euros, um acréscimo de 9,3% face a dezembro de 2012, destacando-se por áreas geográficas, o Oriente (+20,9%), os PALOP (+10,7%) e Espanha (+5,6%).

4. A CGD apresenta uma estrutura de financiamento de grande robustez (única no sistema financeiro nacional) com uma contribuição dos recursos de retalho de cerca de 78% do total, dos quais 87% correspondem a depósitos de clientes (2/3 a prazo e de poupança).

5. Após um encerramento de quase três anos para emitentes portugueses, a CGD voltou aos mercados de capitais, reabrindo o segmento de Obrigações Hipotecárias (OH) em janeiro de 2013, com uma emissão a 5 anos de 750 milhões de

1 De referir que em resultado do processo de alienação em curso de um conjunto de participações do setor segurador do Grupo (85% do capital social da Fidelidade, 80% do capital social da Multicare e 80% do capital social da Cares), as contas consolidadas em análise, bem como os respetivos comparativos foram reexpressos de modo a apresentar as contas das referidas unidades sob a forma de ativos não correntes detidos para venda, de acordo com a Norma "IFRS 5 – Ativos não correntes detidos para venda e operações descontinuadas".

euros, cupão de 3,75% e um *spread* de 285 p.b. sobre a taxa de *mid-swaps*.

O reconhecimento pelo mercado da qualidade de crédito da CGD foi de novo confirmado já em 2014 com uma nova emissão de OH no mesmo montante e prazo, com um cupão de 3% e um *spread* de 188 p.b..

Deste modo, no prazo de um ano, a CGD reduziu o *spread* de financiamento via OH em cerca de 100 p.b..

6. O financiamento obtido junto do BCE registou um significativo decréscimo de 2 080 milhões de euros face a 8 415 milhões de euros de dezembro de 2012, fixando-se no final de dezembro de 2013 em 6 335 milhões de euros.

   A *pool* de ativos elegíveis do Grupo CGD totalizou 17 099 milhões de euros no final de 2013. O total de ativos disponíveis ascendia no final de 2013 a 10 701 milhões de euros.

7. A margem financeira alargada registou uma redução de 31,4%, com origem quer na margem financeira estrita (-30,8%), quer nos rendimentos dos instrumentos de capital (-38,4%). Contribuíram para esta evolução, nomeadamente, a persistência em baixa das taxas de juro de curto prazo e os encargos associados aos CoCos.

8. As operações financeiras mantiveram um desempenho muito positivo contribuindo para o resultado com 267,1 milhões de euros.

9. As provisões e imparidades continuaram a reduzir-se (após o pico observado em 2011), quer ao nível do crédito, quer dos outros ativos, atingindo no final de 2013, 1 125 milhões de euros (-23,7% do que no final do ano anterior).

10. A CGD prosseguiu a sua política de racionalização e aumento da eficiência operativa. Excluindo fatores de natureza extraordinária, decorrentes da reestruturação em Espanha (cerca de 41 milhões de euros em 2013) e da reposição dos subsídios de férias e de Natal, a CGD teria registado em 2013 uma variação de custos com pessoal de apenas 1,7% (versus 7,9%), não alterando a trajetória descendente dos custos de estrutura registada ao longo dos últimos anos.

    Em 2013 verificou-se, parcialmente em consequência dos efeitos antes referidos, um aumento contabilístico de 3,3% (+44,5 milhões de euros) nos custos de estrutura do Grupo CGD.

11. A atividade internacional apresentou um visível contributo para o resultado consolidado do Grupo, destacando-se as unidades situadas em geografias de elevado dinamismo como as da Ásia e África (com um contributo conjunto de 92,6 milhões de euros, mais 11,4% do que em 2012), bem como, a Sucursal de França (23,4 milhões de euros). Excluindo Espanha (unidade em reestruturação) o contributo da atividade internacional para o resultado consolidado é de 99,2 milhões de euros.

12. A CGD registou um resultado líquido consolidado de -575,8 milhões de euros no ano de 2013, que compara com -394,7 milhões de euros em 2012.

13. O custo do risco de crédito (rácio imparidade do crédito do período / saldo médio do crédito bruto) situou-se em 1,06% em dezembro de 2013, valor bastante inferior ao verificado em 2012 (1,24%).

14. A participação crescente da CGD no segmento das empresas verifica-se com particular destaque no segmento das PME com maior potencial de crescimento e de contributo para a reestruturação do tecido empresarial português, como é atestado pela liderança atingida em 2013 nas quotas de mercado das linhas de crédito protocoladas PME Crescimento (19,2%), PME Invest (19,1%) e Investe QREN (45,8%).

15. No segmento do crédito à habitação, prosseguindo o objetivo de apoio às famílias, verificou-se em 2013 uma variação positiva homóloga de cerca de 6,7% na contratação de novas operações.

2 PRINCIPAIS INDICADORES

(milhões de euros)

RESULTADOS	Dez/12 (*)	Dez/13	Var. (%)
Margem Financeira Estrita	1 239	858	-30,8%
Margem Financeira Alargada	1 357	931	-31,4%
Comissões Líquidas	543	522	-3,8%
Margem Complementar	942	770	-18,3%
Margem Técnica da Atividade de Seguros	4	4	-2,9%
Produto da Atividade Bancária e Seguradora	2 303	1 704	-26,0%
Custos Operativos	1 350	1 394	3,3%
Resultado Bruto de Exploração	954	310	-67,5%
Resultados antes de Impostos e Interesses Minoritários	-422	-674	-
Resultado Líquido do Exercício	-395	-576	-
BALANÇO			
Ativo Líquido	119 280	112 963	-5,3%
Disponibilidades e Aplicações em instituições de crédito	5 377	4 357	-19,0%
Aplic. em Títulos (com Ativos com Ac. de Recompra)	19 611	19 502	-0,6%
Crédito a Clientes (líquido)	74 761	70 074	-6,3%
Crédito a Clientes (bruto)	78 950	74 542	-5,6%
Recursos de Bancos Centrais e Instituições de Crédito	12 227	9 735	-20,4%
Recursos de Clientes	66 985	67 824	1,3%
Responsabilidades Representadas por Títulos	11 799	8 791	-25,5%
Provisões Técnicas de Atividade de Seguros	2 905	2 524	-13,1%
Capitais Próprios	7 280	6 829	-6,2%
RECURSOS CAPTADOS DE CLIENTES	90 594	90 963	0,4%
RÁCIOS DE RENDIBILIDADE E EFICIÊNCIA			
Rendibilidade Bruta dos Capitais Próprios - ROE (1) (2)	-6,52%	-9,39%	-
Rendibilidade Líquida dos Capitais Próprios - ROE (1)	-5,33%	-7,11%	-
Rendibilidade Bruta do Ativo - ROA (1) (2)	-0,36%	-0,59%	-
Rendibilidade Líquida do Ativo - ROA (1)	-0,29%	-0,45%	-
Cost-to-Income (Atividade Consolidada) (2)	58,5%	81,6%	-
Custos Pessoal / Produto Atividade (2)	31,8%	46,4%	-
Fornecimentos e Serv. de Terceiros / Produto Atividade	20,6%	27,5%	-
Custos Operativos / Ativo Líquido Médio	1,14%	1,22%	-
Produto Atividade / Ativo Líquido Médio (2)	1,95%	1,50%	-

(%)

QUALIDADE DO CRÉDITO E GRAU DE COBERTURA	Dez/12 (*)	Dez/13	Var. (%)
Crédito Vencido / Crédito Total	5,7%	6,6%	-
Crédito Vencido > 90 dias / Crédito Total	5,3%	6,0%	-
Crédito com Incumprimento / Crédito Total (2)	6,4%	7,5%	-
Crédito com Incumprimento Líq. / Crédito Total Líq. (2)	1,1%	1,6%	-
Crédito em Risco / Crédito Total (2)	9,4%	11,2%	-
Crédito em Risco Líquido / Crédito Total Líquido (2)	4,4%	5,6%	-
Crédito Reestruturado / Crédito Total (3)	-	8,0%	-
Créd. Reestr. não incl. no Créd. em Risco / Créd. Total (3)	-	4,8%	-
Cobertura do Crédito Vencido	92,8%	90,9%	-
Cobertura do Crédito Vencido > 90 dias	100,6%	100,0%	-
Imparid. de Créd. (DR) / Créd. a Clientes (saldo médio)	1,24%	1,06%	-
RÁCIOS DE ESTRUTURA			
Crédito a Clientes (Líquido) /Ativo Líquido	62,7%	62,0%	-
Crédito a Clientes (Líquido) / Depósitos de Clientes (2)	112,0%	103,6%	-
RÁCIOS DE SOLVABILIDADE			
Solvabilidade (2)	13,6%	13,0%	-
Tier 1 (2)	11,2%	11,0%	-
Core Tier 1 (2)	11,6%	11,5%	-
Core Tier 1 (EBA)	9,4%	9,2%	-

(1) Considerando os valores de Capitais Próprios e de Ativo Líquido médios (13 observações)

(2) Rácios definidos pelo Banco de Portugal (Instrução nº 23/2012)

(3) Rácios definidos pelo Banco de Portugal (Instrução nº 32/2013)

* Os valores relativos a 2012 são *proforma*, uma vez que incluem as participadas da Caixa Seguros e Saúde,SGPS (Fidelidade, Multicare e Cares) em forma de ativos não correntes detidos para venda e as entidades que se apresentam em forma de um empreendimento conjunto foram integradas pelo método de equivalência patrimonial.

3 ENQUADRAMENTO ECONÓMICO-FINANCEIRO

MUNDO

Economia mundial em crescimento

A economia mundial manteve ao longo de 2013 uma trajetória de recuperação, mais evidente no 2º semestre, nos EUA (apesar das dificuldades verificadas no processo de aprovação orçamental) e na maior parte da Europa, assistindo-se em paralelo a alguma estabilização do crescimento nas economias emergentes.

Bom desempenho dos mercados financeiros

De acordo com as estimativas mais recentes divulgadas pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), a economia mundial terá registado em 2013 um crescimento de 3,0%, próximo do observado no ano anterior (3,1%).

Em 2013, o desempenho dos ativos financeiros foi consistente com a melhoria dos indicadores económicos e a diminuição da incerteza associada à chamada crise da dívida soberana na Área do Euro, num contexto de reforço dos estímulos monetários. Nos EUA as ações subiram cerca de 30% e no mercado de dívida pública a tendência foi de aumento das taxas a partir do 2º trimestre.

Desemprego ainda elevado

Baixo crescimento dos preços

Os níveis de desemprego permaneceram elevados na maior parte das regiões, o que em conjunto com os ajustamentos em curso em diversas economias com relevo no PIB mundial, e a queda do preço das matérias-primas, contribuiu para um baixo ritmo de crescimento dos preços em diversos países desenvolvidos.

EUROPA

Economia europeia ainda em contração, mas de forma menos acentuada

O ano de 2013 ficou marcado pelo significativo esbater dos receios em torno da crise da dívida soberana na Europa. O facto da economia da região ter voltado a crescer a partir do 2º trimestre do ano, ao mesmo tempo a que se assistiu a uma substancial correção dos desequilíbrios macroeconómicos em diversos Estados Membros, permitiu a criação de expectativas de crescimento mais sustentável. Tal situação verificou-se, não obstante a crise no Chipre, destacando-se o acordo de assistência financeira negociado entre a Comissão Europeia, o FMI e o Governo cipriota.

O desemprego na região manteve-se em níveis preocupantes, tendo a respetiva taxa permanecido praticamente inalterada em 12,1% ao longo de todo o ano, o nível mais elevado desde o verão de 1990.

A atividade na Área do Euro, de acordo com as estimativas de outono da Comissão Europeia continuou a contrair-se em 2013, mas de forma me-

nos acentuada, desta feita 0,4%, após a queda de 0,7% no ano anterior. Esta retração assentou primordialmente no comportamento da procura doméstica, já que o contributo das exportações líquidas se manteve positivo.

O ambiente de maior estabilidade dos mercados financeiros internacionais e o fortalecimento da situação financeira dos bancos possibilitou, em 2013, um incremento de liquidez nos mercados interbancários e a progressiva abertura do mercado de capitais aos créditos dos países não *core*, incluindo Portugal. Ainda assim, a persistente fragilidade económica conduziu em maio, à decisão do BCE de reduzir uma vez mais as taxas de juro de referência que se encontravam já em níveis mínimos (taxa de operações principais de refinanciamento em 0,5% e taxa de remuneração de depósitos em 0%).

Reabertura dos mercados de capitais a crédito não "*core*"

Nova redução das taxas de referência do BCE

No mercado acionista, assistiu-se a uma subida de 17% na Europa. Entre as principais praças, o ASE grego destacou-se com um ganho de 28,1%, seguido pelo DAX alemão (+25,5%). O PSI20 subiu 16%, em linha com Itália e abaixo dos 21,4% do IBEX espanhol.

No mercado de dívida pública, é de referir o comportamento positivo das taxas nos países do sul da Europa, com reduções em Espanha, Itália e Portugal. No início de 2014 manteve-se a mesma tendência de descida, sendo que no caso da dívida portuguesa as *yields* a dez anos estreitaram para valores abaixo dos 5%.

Decréscimo sustentado das *yields* da dívida soberana

Referência particular para o programa de resgate irlandês, que terminou em dezembro de 2013 com o seu cumprimento integral, sem recurso a qualquer programa cautelar, pelo que pode considerar-se este caso como um sucesso na recuperação económica de um país intervencionado. Já em 2014, a Irlanda emitiu com sucesso dívida a dez anos, com uma taxa de 3,5%.

Desanuviamento dos receios em torno da dívida soberana

Destaque também para os desenvolvimentos com vista à criação do mecanismo único de supervisão bancária no sentido de reforçar a coordenação das políticas económicas, a consolidação orçamental, e a estabilização financeira. Assim, a partir de setembro de 2015, 150 dos maiores bancos da Zona Euro estarão sob supervisão do BCE.

PORTUGAL

O desempenho da economia portuguesa em 2013 foi superior ao inicialmente previsto, tendo o PIB iniciado uma trajetória crescente a partir do 2º trimestre. Destacam-se o comportamento positivo das exportações, o reforço da poupança interna, a melhoria dos indicadores de confiança dos consumidores e dos empresários, e de grande importância, a evolução favorável dos principais indicadores orçamentais. A estimativa do Banco de Portugal para a variação do PIB é de -1,5%, verificando-se no entanto taxas de crescimento trimestrais positivas nos últimos trimestres disponíveis de 2013.

Bom desempenho das exportações

Melhoria dos indicadores de confiança

As exportações portuguesas reforçaram o bom desempenho já observa-

do em períodos anteriores, com crescimento de 5,9% em termos homólogos, em resultado da evolução positiva quer no comércio intra-União Europeia (UE), quer no comércio extra-UE. As importações tiveram um aumento de 2,7% no decorrer de 2013. Esta evolução é já um resultado da reestruturação em curso do tecido produtivo nacional, privilegiando os setores de bens transacionáveis.

Evolução favorável dos principais indicadores orçamentais

No mercado de trabalho, a taxa de desemprego em Portugal reduziu-se durante 10 meses consecutivos de 17,6% em fevereiro de 2013 para 15,4%, em dezembro (dados do Eurostat).

No âmbito da décima avaliação trimestral do Programa de Ajustamento Económico e Financeiro (PAEF), as equipas da UE e do FMI salientaram que o crescimento da economia portuguesa está em linha com as projeções e que o desemprego decresceu mais do que o esperado. O ajustamento externo foi também avaliado de forma favorável.

ESTRATÉGIA E ESTRUTURA DO GRUPO CGD: EVOLUÇÃO EM 2013

4

O Plano de Reestruturação para o período 2013-2017, aprovado em julho de 2013, veio reforçar a estratégia do Grupo CGD, assente num conjunto de vetores principais de atuação em que se destacam a otimização do balanço do Grupo, a melhoria da eficiência operativa e a orientação da atividade da CGD para o seu segmento "core": o negócio bancário.

Aprovação do Plano de Reestruturação

Ao prosseguir esta estratégia, o Grupo CGD continua a assegurar um apoio efetivo e eficaz aos seus clientes — famílias e, com destaque crescente, empresas —, tendo sempre presente o objetivo fundamental de retomar a trajetória de rentabilidade global e de cada uma das suas unidades de negócio.

A Carta Missão divulgada pelo acionista — o Estado Português — em maio de 2013 constitui também um instrumento de confirmação das prioridades assumidas pelo Grupo, vindo salientar a orientação da sua atividade creditícia para as empresas, em especial as PME, e mantendo o seu papel de instituição de referência no apoio às famílias.

Carta Missão reforça estratégia em curso, privilegiando o financiamento da economia

Fomentando o empreendedorismo, a inovação e o crescimento das empresas portuguesas com maior potencial, a CGD continua a contribuir para o aumento da capacidade produtiva e da eficiência das empresas portuguesas, em particular no setor dos bens transacionáveis, promovendo assim a renovação do tecido empresarial português.

Neste enquadramento, o Grupo continua a aperfeiçoar o respetivo modelo de Governação e de gestão corporativa. Além do alargamento do Conselho de Administração, em 2013 foi criada a Comissão de Risco com o objetivo específico de definir o perfil de risco do banco nas suas várias vertentes — cuja gestão se encontrava já centralizada —, reforçando o envolvimento do Conselho de Administração nesta área.

Criação da Comissão de Risco

No sentido de um melhor ajustamento à atual conjuntura, continuou a reorganização da estrutura e funcionamento da CGD no processo de concessão e controlo do crédito, e subsequente acompanhamento, para prevenção de incumprimento e definição de soluções para uma mais efetiva recuperação.

A CGD participou, durante os meses de novembro e dezembro de 2013, no Exercício de Transparência Pan-europeu conduzido pela Autoridade Bancária Europeia (EBA), que teve em vista assegurar a transparência e a comparabilidade ao longo dos anos de um conjunto de informação, designadamente sobre o capital e as exposições a diversos riscos, a divulgar pelo sistema bancário da UE aos intervenientes de mercado. Participaram neste exercício 64 bancos.

PRINCIPAIS FACTOS

O ano de 2013 ficou marcado pelas seguintes alterações na estrutura e composição do Grupo CGD e pelos seguintes eventos:

- Conclusão do processo de venda pela Caixa Seguros e Saúde, SGPS, SA da HPP - Hospitais Privados de Portugal, SGPS, SA ao grupo brasileiro de saúde Amil, após a completa verificação das condições administrativas e governamentais;
- Privatização da área de seguros do Grupo com os seguintes eventos relevantes:
  - Em junho foi publicado o DL nº 80/2013 que definiu as regras referentes à alienação do capital social das sociedades Fidelidade-Companhia de Seguros, SA, Multicare-Seguros de Saúde, SA e Cares-Companhia de Seguros, SA ou da sociedade ou sociedades que detenham, direta ou indiretamente, a totalidade ou parte dos respetivos ativos;
  - Em setembro, ocorreram reduções do capital social da Fidelidade o qual passou de 605 milhões para 381 milhões de euros e da Caixa Seguros de 800 milhões para 460 milhões de euros. Foi ainda liquidado pela Fidelidade um empréstimo subordinado de 76,6 milhões de euros que lhe tinha sido concedido pela Caixa Seguros;
  - Já em janeiro de 2014, o Conselho de Ministros selecionou a Fosun International Limited para efetuar a aquisição à Caixa Seguros, de 80% do capital social da Fidelidade (podendo ir até 85%, considerando a totalidade das ações objeto de OPV de 5% do capital da Fidelidade a trabalhadores que não sejam vendidas no âmbito desta), 80% do capital social da Multicare e 80% do capital social da Cares, por um preço global de 1 000 milhões de euros.
- Alienação da totalidade da participação da CGD no capital social do Banco para a Promoção e Desenvolvimento (BPD) ao Grupo Sonangol, na sequência do entendimento estabelecido entre os governos da República de Angola e da República de Portugal;
- Em novembro, no contexto da estratégia de desinvestimento em ativos não estratégicos, e no cumprimento do Plano de Reestruturação do Grupo, a CGD procedeu à alienação da sua participação de 6,11% no capital social na Portugal Telecom, SGPS, SA;

Cultura de proximidade com o cliente

- Na esfera da rede comercial doméstica, continuando a dar elevada prioridade a uma abordagem de proximidade, prosseguiu o processo de otimização do potencial instalado e a melhoria da eficiência, reforçando-se a complementaridade do serviço presencial com um leque de canais automáticos e *on-line* de comprovada eficácia.

  Assim, em 2013 foi possível reduzir 36 agências na rede doméstica, num enquadramento de melhoria da qualidade de serviço.
- Na esfera internacional:
  - Em fevereiro foi autorizada e entrou em funcionamento a Sucursal

Offshore em Macau;

- Em maio concluiu-se no Brasil o processo de incorporação da CGD - Participações em Instituições Financeiras, Lta. ("CGD PINF") na CGD Investimentos Corretora de Valores e Câmbio, SA ("CGD Securities");

- Entraram em funcionamento novas agências em França (1), Angola (4), Moçambique (4), Macau (4) e Timor (1);

Profunda reestruturação da operação e do modelo de negócio em Espanha

- Em Espanha, o Grupo encontra-se num profundo processo de reestruturação, através do notório redimensionamento e da reorientação do modelo de negócio. A presença do Grupo em Espanha, primeiro parceiro comercial de Portugal, afigura-se crucial e de grande potencial na presente estratégia de negócio, sendo o espaço ibérico considerado como o mercado doméstico do Grupo.

5 RESULTADOS, BALANÇO, LIQUIDEZ E SOLVÊNCIA

A CGD continuou a revelar no ano de 2013 uma capacidade de renovação e adaptação a um novo paradigma económico e financeiro do País

A CGD continuou a revelar no ano de 2013 uma capacidade de renovação e adaptação a um novo paradigma económico e financeiro, a qual não se refletiu, por ora, na inversão da trajetória de resultados negativos apresentados pelo Grupo pelo terceiro ano consecutivo.

A robustez da instituição e a firme determinação da Gestão na prossecução dos respetivos vetores estratégicos permitiu que, em vertentes chave da sua atuação, a CGD apresentasse evoluções visivelmente favoráveis, nomeadamente no domínio do financiamento de setores de valia acrescida na economia portuguesa, expressos sobretudo no crédito concedido às micro, pequenas e médias empresas, bem como na captação da poupança e, de grande importância, no desenvolvimento do negócio internacional.

Mantiveram-se os vetores estratégicos fundamentais de financiamento à economia, reforço da poupança e apoio à internacionalização

De referir que em resultado do processo de alienação em curso de um conjunto de participações do setor segurador do Grupo (85% do capital social da Fidelidade, 80% do capital social da Multicare e 80% do capital social da Cares), as contas consolidadas em análise, bem como os respetivos comparativos foram reexpressos de modo a apresentar as contas das referidas unidades sob a forma de ativos não correntes detidos para venda, de acordo com a Norma “IFRS 5 – Ativos não correntes detidos para venda e operações descontinuadas”.

RESULTADOS

Resultado líquido consolidado negativo

Os resultados do Grupo continuaram a ser penalizados, nomeadamente, pela redução da margem financeira, pela fragilidade da atividade económica em Portugal, não obstante a recuperação recente, e pelo ainda elevado custo das provisões e imparidades que, no entanto, registaram um nítido decréscimo (-23,7%). O resultado líquido consolidado do Grupo CGD no ano de 2013 é negativo no valor de 575,8 milhões de euros, o que representa um agravamento de 181,1 milhões de euros face ao ano anterior.

O Banco tem vindo a estabelecer uma política de *pricing*, quer das operações passivas, quer das ativas (novas ou em renovação), mais adequada à presente conjuntura e aos objetivos estabelecidos em matéria de custos e proveitos, politica esta naturalmente ajustada ao perfil de risco do cliente.

Registando-se nesta vertente uma ligeira melhoria, o efeito de *repricing* das operações ativas e passivas não foi, por enquanto, suficiente para reverter a variação negativa da margem financeira alargada que, no final de 2013 atingiu 930,7 milhões de euros, registando uma quebra de 31,4%, com origem quer na margem financeira estrita (30,8%), quer nos

rendimentos de instrumentos de capital (-38,4%).

As comissões líquidas totalizaram 522,0 milhões de euros, valor inferior ao observado no ano de 2012 (-3,8%).

Os resultados em operações financeiras totalizaram 267,1 milhões de euros. Expurgados dos ganhos resultantes de fatores não recorrentes associados a recompras de dívida própria, que geraram proveitos no montante de 192,8 milhões de euros em 2012 e 14,7 milhões em 2013, representariam um acréscimo de cerca de 82,3 milhões face ao ano anterior.

A CGD manteve a sua política de racionalização e aumento da eficiência operativa. Excluindo fatores de natureza extraordinária, decorrentes da reestruturação em Espanha (cerca de 41 milhões de euros em 2013) e da reposição dos subsídios de férias e de Natal, a CGD teria registado em 2013 uma variação de custos com pessoal de apenas 1,7% (*versus* 7,9%), não alterando a trajetória descendente dos custos de estrutura registada ao longo dos últimos anos. Registou-se, parcialmente em consequência dos efeitos antes referidos, um aumento contabilístico de 3,3% (+44,5 milhões de euros) nos custos de estrutura do Grupo CGD.

Prossecução da política de racionalização e aumento da eficiência

CUSTOS OPERATIVOS E AMORTIZAÇÕES

(milhões de euros)

			Variação	
	Dez/12	Dez/13	Abs.	(%)
Custos com pessoal	734,8	792,9	58,1	7,9%
Outros gastos administrativos	476,3	469,4	-6,9	-1,4%
Depreciações e amortizações	138,4	131,8	-6,7	-4,8%
Total	**1 349,5**	**1 394,0**	**44,5**	**3,3%**

(milhões de euros)

Acréscimo extraordinário não permitiu redução dos custos de estrutura totais

O aumento do rácio *cost-to-income* de 58,5% em dezembro de 2012 para 81,6% em dezembro de 2013, ficou a dever-se, quer à redução do produto bancário em 599,0 milhões de euros (-26,0%), quer ao aumento extraordinário dos custos de estrutura já referido.

O resultado bruto de exploração situou-se em 310,2 milhões de euros, inferior em 67,5% ao alcançado em 2012.

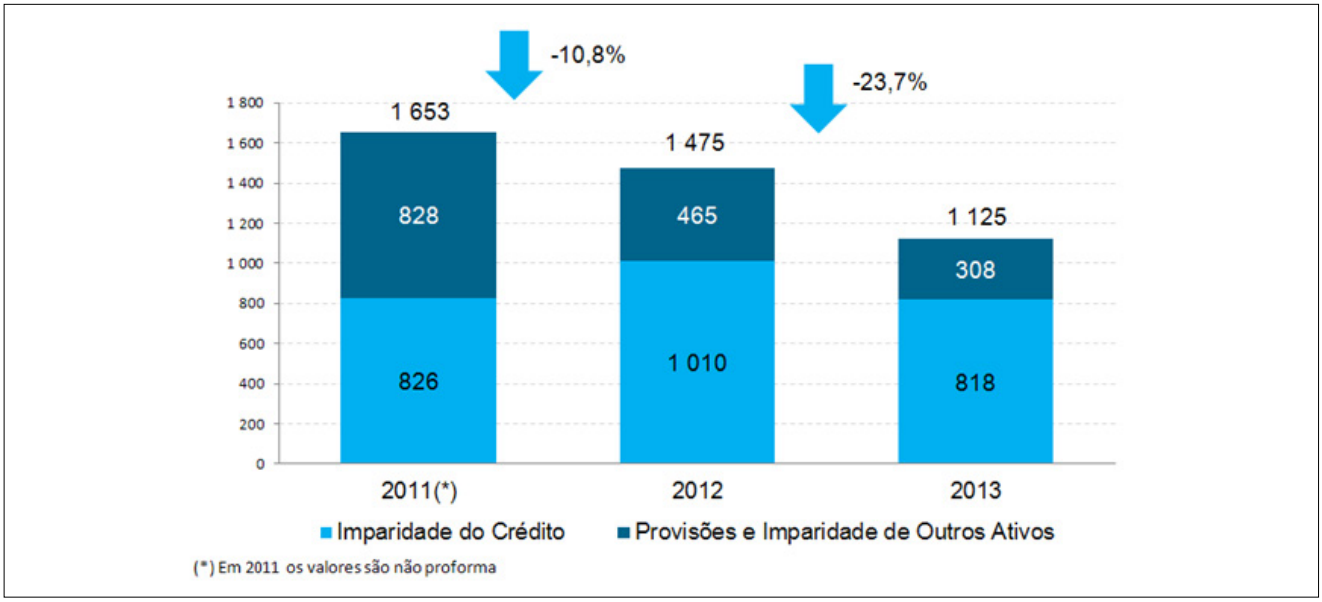
As provisões e imparidades continuaram a apresentar uma redução (após o pico observado em 2011), quer ao nível do crédito, quer nos outros ativos, atingindo 1 125 milhões de euros no final de 2013, i.e., 1% do ativo consolidado do Grupo (1,2% e 1,4% em 2012 e 2011 respetivamente).

Decréscimo dos custos de imparidades

A imparidade do crédito, líquida de reversões, atingiu 817,8 milhões de euros, contra 1 010 milhões de euros no ano anterior, e as provisões e imparidades de outros ativos diminuíram para 307,5 milhões de euros, face a 464,9 milhões de euros no ano de 2012.

PROVISÕES E IMPARIDADE NO PERÍODO

(milhões de euros)



Imparidades em trajetória descendente sustentada desde o pico de 2011

O custo do risco de crédito (rácio imparidade do crédito do período / saldo médio do crédito bruto) situou-se em 1,06% em 2013, valor inferior aos 1,24% verificados em 2012.

Os impostos sobre os lucros reduziram-se para um valor negativo de 163,2 milhões de euros. Os impostos diferidos situaram-se em -156,9 milhões de euros e a contribuição extraordinária que incidiu sobre o setor bancário atingiu 25,1 milhões de euros, menos 4,6 milhões de euros que em 2012.

BALANÇO

Em 31 de dezembro de 2013, o valor do ativo líquido era de 112 963 milhões de euros, inferior em 5,3% ao registado no final do ano anterior.

O crédito a clientes (bruto) reduziu-se 5,6% face a dezembro de 2012, totalizando 74 542 milhões de euros no final de 2013, com um ritmo de amortizações que continua a ser superior à contratação de novas operações.

As aplicações em títulos no final de 2013 ascendiam a 19 502 milhões de euros, incluindo os ativos com acordo de recompra, registando um decréscimo de 0,6% face a 2012.

A redução observada no passivo desde o início de 2013, -5 866 milhões de euros, reflete sobretudo o menor recurso ao financiamento junto do

BCE (-2 080 milhões de euros), bem como o decréscimo de 25,5% das responsabilidades representadas por títulos, -3 008 milhões de euros.

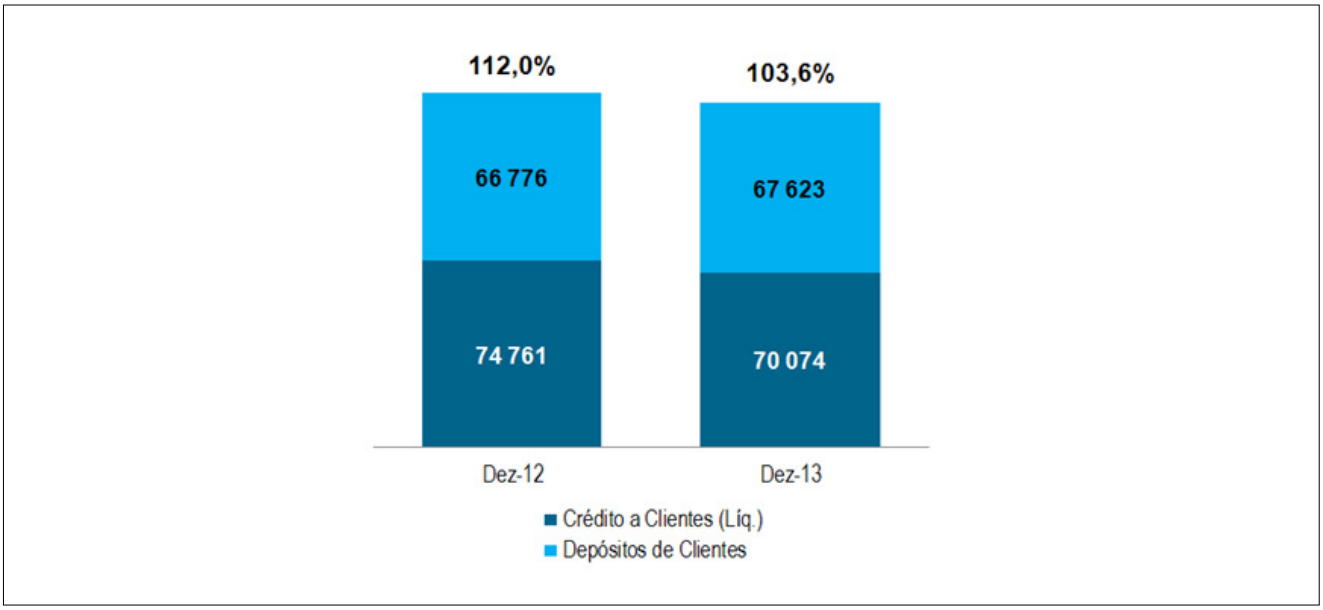
Os recursos de clientes em base consolidada aumentaram 839,7 milhões de euros no ano de 2013, com os depósitos a registarem um crescimento de 1,3%, 846,3 milhões de euros, fixando-se em 67 623 milhões de euros. É de salientar o desempenho positivo dos recursos de clientes, nomeadamente no segmento de particulares, tendo esta evolução ocorrido num contexto de *repricing* em baixa dos novos depósitos e dos depósitos vencidos.

Crescimento continuado dos recursos, com particular destaque para depósitos de particulares

No final do ano de 2013, o rácio de transformação situou-se em 103,6%, valor significativamente inferior a 112,0%, registado no final de 2012, decorrente do efeito conjugado da diminuição do crédito líquido e do crescimento do valor dos depósitos.

RÁCIO CRÉDITO / DEPÓSITOS

(milhões de euros)



O rácio de crédito vencido com mais de 90 dias atingiu 6,0%, mais 0,7 p.p. do que em dezembro de 2012. O rácio de crédito em risco, calculado de acordo com os critérios do

Banco de Portugal, registou também nova subida para 11,2%, em linha com a evolução registada no setor bancário. No final do ano, o rácio de crédito vencido total situou-se em 6,6%, acima dos 5,7% verificados em dezembro de 2012.

Saliente-se, porém, que não se tem verificado uma deterioração adicional da qualidade da carteira, ficando o referido agravamento dos indicadores de risco a dever-se sobretudo a reclassificações de ativos e ao ajustamento a novas regras regulatórias.

O comportamento do crédito à habitação, em matéria de incumprimento, continua a apresentar-se mais favorável do que o das restantes

componentes da carteira de crédito.

Aconselhamento, acompanhamento, controlo e recuperação: etapas fundamentais do processo de concessão de crédito

Prevendo-se que a recuperação económica já iniciada não se venha a refletir a curto prazo e da mesma forma em todo o aparelho produtivo, a CGD continua a dar particular enfoque às ações de prevenção, de acompanhamento e de controlo de todo o processo creditício, procurando acautelar potenciais efeitos desfavoráveis na qualidade da carteira. Neste sentido, a CGD reforçou circuitos e processos, já estabelecidos em 2012, de acompanhamento das operações de crédito, possibilitando a deteção precoce dos indícios de risco de incumprimento, com vista à adoção célere de medidas de prevenção e, caso necessário, de recuperação.

LIQUIDEZ

Melhoria cada vez mais visível da situação da liquidez da CGD

As condições favoráveis nos mercados internacionais, em conjunto com o bom desempenho dos depósitos, para o qual contribuiu muito favoravelmente a área internacional, traduziram-se em 2013 numa gradual normalização da política de financiamento, incluindo uma natural redução da dependência do financiamento junto do BCE.

Com a crescente estabilização do mercado, após quase 3 anos de falta de recetividade a emitentes portugueses, a CGD lançou, no início de 2013, uma emissão de Obrigações Hipotecárias a 5 anos, no montante de 750 milhões de euros com um cupão de 3,75%, reabrindo este segmento a emitentes portugueses. A excelente recetividade desta emissão foi evidenciada pela forte procura, que ultrapassou 4 000 milhões de euros, e pela colocação de cerca de 90% do montante junto de mais de 200 investidores externos, nomeadamente no Reino Unido, Alemanha, Áustria, França e Suíça.

Regresso bem sucedido ao mercado de Obrigações Hipotecárias

Já em janeiro de 2014, a CGD regressou ao mercado com uma emissão de Obrigações Hipotecárias a 5 anos, de novo no valor de 750 milhões de euros. O muito bom acolhimento pelos investidores expresso numa procura final superior a 3 900 milhões de euros e num *spread* final de 188 p.b. (correspondente a uma *reoffer yield* de 3,12%) significativamente inferior ao conseguido um ano antes, confirma um interesse crescente no crédito CGD e naturalmente uma perceção cada vez mais favorável sobre o respetivo risco.

Comparação das duas emissões de OH revela franca melhoria de *pricing* e de qualidade de colocação

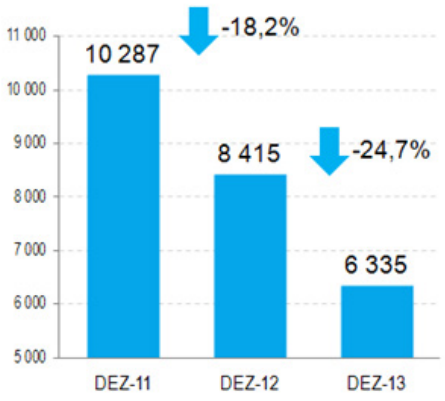
A CGD alcançou em 2014 um preço inferior em quase 100 p.b. face a emissão de janeiro de 2013.

Ambas as emissões colocadas em menos de 2 horas

Nas duas operações, cerca de 90% do total foi tomado por investidores internacionais e em menos de 2 horas, tendo a procura excedido 5 vezes a oferta. Além disso, na mais recente emissão, registou-se um aumento do número de investidores participantes (+20) face à operação realizada em janeiro de 2013, verificando-se um maior peso de investidores alemães.

FINANCIAMENTO DO BCE

(milhões de euros)



Após a significativa redução do financiamento obtido junto do BCE verificada no início do ano, com um decréscimo de 2 080 milhões de euros face aos 8 415 milhões de euros de dezembro de 2012, o acesso do Grupo CGD a recursos do BCE permaneceu relativamente estável ao longo do ano de 2013, fixando-se no final de dezembro em 6 335 milhões de euros.

Financiamento junto do BCE em redução, com acréscimo da *pool* de colateral disponível

A *pool* de ativos elegíveis do Grupo CGD, constituída por títulos negociáveis, totalizava 17 099 milhões de euros no final de 2013, correspondendo a uma diminuição de 1 470 milhões face ao valor de dezembro do ano anterior, muito por força do reembolso antecipado, ocorrido em julho, de 1 000 milhões de obrigações emitidas com garantia do Estado. O total de ativos disponíveis subiu, ainda assim, no final de 2013 para 10 701 milhões de euros, comparativamente a 10 106 milhões no ano transato.

SOLVÊNCIA

Os capitais próprios do Grupo totalizaram 6 829 milhões de euros no final de 2013, apresentando uma redução de 450,9 milhões de euros (-6,2%) face ao observado no final de 2012, influenciada pela evolução de “outras reservas e resultados transitados”.

CAPITAIS PRÓPRIOS

(milhões de euros)

	Dez/12	Dez/13
Capital social	5 900,0	5 900,0
Reservas de justo valor	-189,7	63,1
Outras reservas e resultados transitados	979,1	417,6
Interesses minoritários	985,3	1 024,1
Resultado do exercício	-394,7	-575,8
Total	**7 280,0**	**6 829,1**

Situação robusta em matéria de solvência

O Rácio *Core Tier 1* em base consolidada situou-se em 11,5% no final de 2013, valor acima requisito de 10% de capital core estabelecido pelo Banco de Portugal. Nos termos definidos pela EBA, o Rácio *Core Tier 1* situou-se em 9,2%.

O Rácio *Common Equity Tier 1* (CET 1), calculado de acordo com as regras da CRD IV / CRR "*fully implemented*", situou-se em 7,4% em 31 de Dezembro de 2013 (o mínimo fixado é de 7%, constituído por CET 1 de 4,5% e a um *buffer* de 2,5%).

Core Tier 1 (BdP): 11,5%

Core Tier 1 (EBA): 9,2%

CET 1 *fully implemented*: 7,4%

CET 1 *phasing-in*: 10,1%

O Rácio *Common Equity Tier 1* (CET 1), calculado de acordo com as regras da CRD IV / CRR "*phasing-in*", situou-se em 10,1% em 31 de Dezembro de 2013, valor acima da referência para avaliação de ativos a realizar pelo BCE, de 8% considerando o cenário base.

Em 22 de Julho de 2013, entrou em vigor a Recomendação do EBA/REC/2013/03, que tem em consideração a nova legislação do capital denominada CRD IV/CRR, e que estabelece a preservação, em valor absoluto, do capital necessário ao cumprimento do rácio mínimo de 9% anteriormente previsto, com referência aos requisitos de capital de 30 de junho de 2012, incluindo o mesmo *buffer* de capital para exposições com risco soberano.

Esta Recomendação do EBA prevê exceções à regra de preservação do capital nominal por parte das instituições que apresentem Rácios de *Common Equity Tier 1*, calculado de acordo com as regras da CRD IV / CRR "*fully implemented*", igual ou superior a 7% ou para as instituições envolvidas em processos de reestruturação e de desalavancagem gradual ordenada. Neste cenário, em Novembro de 2013 a CGD submeteu um Plano de Capital ao Banco de Portugal, nos termos previstos na Recomendação, o qual se encontra atualmente em apreciação junto da Entidade de Supervisão.

SEGMENTOS DE ATIVIDADE

6

Em 2013, o Grupo CGD manteve os seus vetores estratégicos fundamentais: apoio continuado às famílias e empresas portuguesas num enquadramento de aumento de eficiência e na senda de um regresso a patamares de rentabilidade conformes à posição de referência que a CGD detém no sistema financeiro.

Atividade global do Grupo assente no apoio à poupança e no financiamento da economia

As políticas adotadas para a prossecução conjunta destes objetivos, entendidos, aliás, pela CGD como expressando a sua principal missão, deverão corresponder a um novo paradigma de atuação dos agentes económicos portugueses, o qual em 2013 começou já a refletir-se na atividade do País.

BANCA COMERCIAL

Prosseguindo o programa de otimização operativa e de racionalização de custos que o Plano de Reestruturação aprovado para o período 2013-2017 veio confirmar, verificou-se um ajustamento da rede de retalho doméstica, que totalizou a 31 de dezembro de 2013, 737 agências com atendimento presencial (56 comparando com o final de 2012), 38 agências automáticas (+20) e 29 Gabinetes Caixa Empresas (-7), num total de 804 unidades de negócio. Ainda assim, privilegiando a proximidade às populações de todo o País, a CGD continua a ser o único Banco com presença física em todos os concelhos nacionais.

Prossecução da política de aumento de eficiência operativa e racionalização de custos

O redimensionamento e otimização da rede comercial da CGD em Portugal, conjugada com a progressiva expansão dos canais não presenciais, permitiu corresponder às necessidades de cada cliente, reforçando a qualidade de serviço através nomeadamente da relação com o seu gestor comercial.

Melhoria da qualidade de serviço com redimensionamento da rede e aperfeiçoamento e extensão de canais não presenciais

Um enfoque crescente no financiamento às empresas, nomeadamente das melhores PME das quais a CGD pretende ser o primeiro banco (preservando o apoio próximo das famílias) e o desenvolvimento do negócio externo sobretudo entre regiões com presença CGD, foram em 2013, e continuarão a ser em anos vindouros, alavancas fundamentais ao desenvolvimento do negócio e à recuperação da rentabilidade do Grupo.

RECURSOS

A rede comercial em Portugal manteve em 2013 um bom desempenho em matéria de captação de recursos junto das famílias que atingiram 54 251 milhões de euros (54 770 milhões no ano anterior). Para esta evolução contribuíram positivamente os depósitos (+0,7%) e os fundos de investimento (+6%), sendo que os seguros financeiros e as obrigações registaram uma evolução negativa, de 0,7% e 36,7% respetivamente,

Bom desempenho na captação de recursos pela rede comercial

neste último caso em grande parte devido aos títulos terem atingido a sua maturidade.

Numa situação desafogada de liquidez, a CGD continuou a ajustar a política de remuneração dos depósitos, em linha com o processo verificado ao nível geral das taxas de juro em Portugal.

No segmento de particulares, manteve-se a tradicional liderança da CGD, situando-se a quota dos depósitos em 32,6% em novembro de 2013. Continuou a verificar-se uma cada vez melhor adequação da oferta de produtos de poupança, considerando os diferentes perfis dos clientes, cujas decisões e comportamentos se encontram também em ajustamento a um enquadramento global em renovação.

A CGD em 2013 continuou a aumentar o enfoque na dinamização do negócio com as empresas, assistindo-se a um aumento efetivo do número de clientes neste segmento e o crescimento do respetivo volume de negócios. Foi também visível o aumento dos depósitos de empresas, para o qual contribuiu, para além do acompanhamento próximo de um maior número de empresas, a crescente adesão aos produtos de gestão de tesouraria. Deve referir-se que na sequência do aumento já registado, existe ainda margem significativa para que nomeadamente os depósitos dos clientes empresa continuem a crescer, convergindo para a quota natural da CGD neste segmento.

Depósitos do segmento de clientes empresa em Portugal destacam-se pela evolução positiva (+12,8%)

A totalidade dos produtos de captação do segmento Empresas na rede comercial em Portugal cresceu 10,7% em 2013, com destaque para o crescimento dos depósitos (+12,8%) e para o aumento dos fundos de investimento (+31,9%). A quota de mercado dos depósitos neste segmento aumentou de 10,8% em dezembro de 2012 para 12,6% em novembro de 2013.

A nível do Grupo CGD o saldo dos recursos totais captados (excluindo o mercado monetário interbancário) registou um nível superior ao de dezembro de 2012, situando-se em 90 961 milhões de euros (+0,4%).

O saldo dos depósitos de clientes continuou a crescer (+1,3%) face a dezembro de 2012, ascendendo a 67 623 milhões de euros, sendo de salientar que mais de 70% destes recursos respeitavam a depósitos a prazo e de poupança.

CAPTAÇÃO DE RECURSOS PELO GRUPO CGD – SALDOS

(milhões de euros)

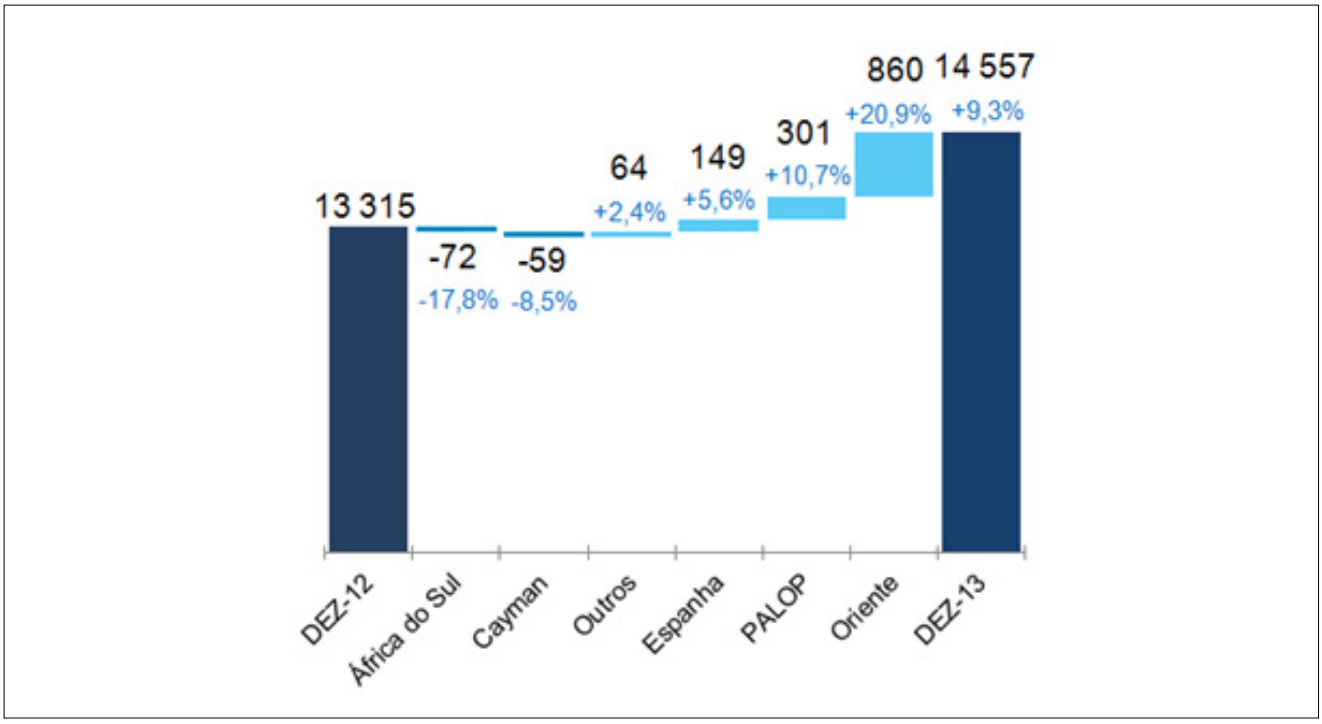
			Variação Dez/13 vs. Dez/12	
	Dez/12	Dez/13	Abs.	(%)
No Balanço	90 173	87 777	-2 396	-2,7%
Retalho	78 110	78 146	35	0,0%
Depósitos de clientes	66 776	67 623	846	1,3%
Outros recursos de clientes	11 334	10 523	-811	-7,2%
Investidores Institucionais	11 162	8 731	-2 431	-21,8%
EMTN	6 514	4 065	-2 449	-37,6%
Obrigações hipotecárias	3 042	3 810	768	25,3%
Outros	1 606	856	-750	-46,7%
Estado Português (CoCos)	900	900	0	-
Fora de Balanço	12 483	12 817	333	2,7%
Total	**102 656**	**100 594**	**-2 062**	**-2,0%**
Total (excluindo Investidores Institucionais e Estado Português)	**90 594**	**90 963**	**369**	**0,4%**

A rede internacional continua a contribuir de forma muito expressiva para o total da captação do Grupo, com os depósitos a atingir 14 557 milhões de euros, um acréscimo de 9,3% face a dezembro de 2012, destacando-se por áreas geográficas, o Oriente (+20,9%), os PALOP (+10,7%) e Espanha (+5,6%).

Forte contributo da rede internacional na captação total de recursos

DEPÓSITOS DE CLIENTES NA ÁREA INTERNACIONAL

(milhões de euros)



Aumento dos recursos "Fora de Balanço" (+2,7%)

Finalmente, os recursos "Fora do Balanço" atingiram 12 817 milhões de euros no final de 2013, (+2,7%), traduzindo um bom desempenho dos fundos de pensões com uma variação positiva de 6,7% face a dezembro de 2012, tendo o saldo correspondente à atividade de gestão de patrimónios e às unidades de participação em fundos de investimento crescido respetivamente 1,1% e 2,5%.

CRÉDITO

A CGD aumentou em 2013, na sequência do já verificado em anos anteriores, o seu enfoque no crédito a empresas, de forma a potenciar as suas capacidades de produção e exportação, apoiando a sua capitalização e promovendo a inovação e o empreendedorismo. A Carta Missão, divulgada a 31 de maio de 2013 pelo Acionista da CGD confirma de facto a trajetória seguida pelo Grupo:

Enfoque na capitalização, inovação e empreendedorismo das PME

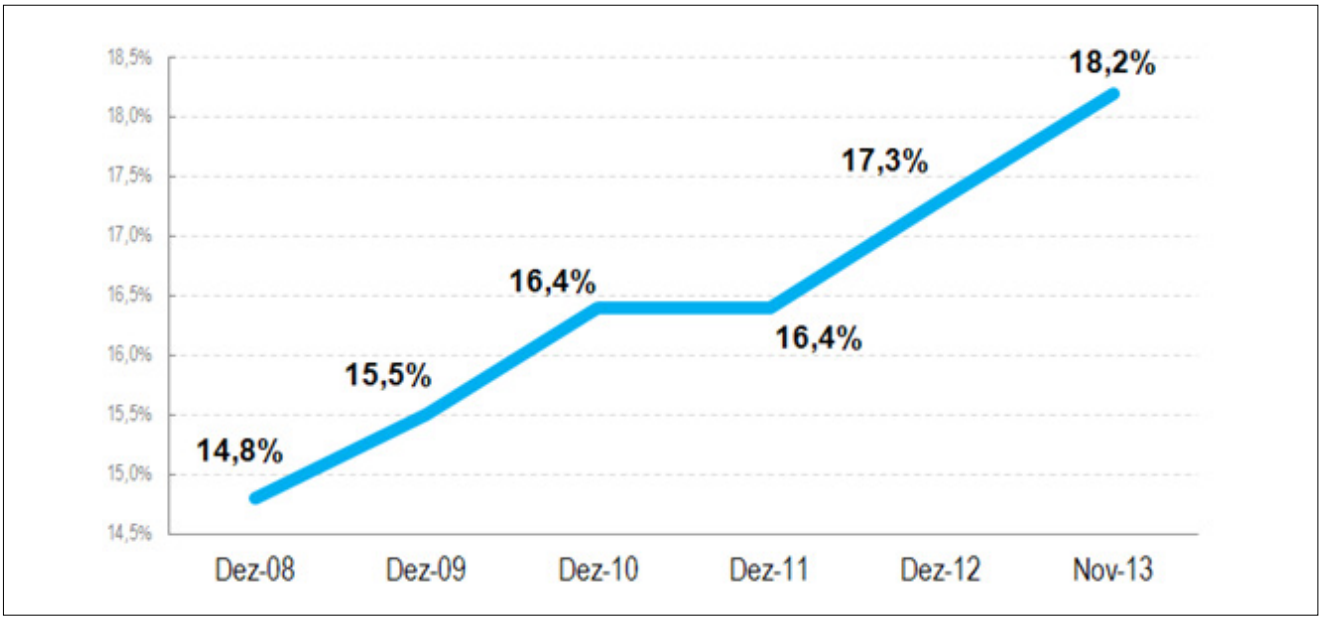
> "*reorientar a sua carteira de crédito e oferecer condições de crédito adaptadas às condições de financiamento da economia portuguesa, salvaguardados critérios prudentes de avaliação de risco. (…) visando contribuir para a internacionalização das empresas portuguesas e para o aumento da capacidade exportadora. Num sentido mais amplo, a Caixa Geral de Depósitos deve contribuir para a alteração estrutural da economia portuguesa, mais assente no setor dos bens transacionáveis.*".

Importa referir que a CGD reforçou a sua quota de mercado no segmento de crédito às empresas dirigindo-se, como já se referiu, para valores

mais próximos do que se entende ser a sua quota natural. Em novembro de 2013 a quota de mercado no crédito a empresas era de 18,2%, correspondendo a um reforço de 0,9 p.p. desde o início do ano, sendo que nos últimos 5 anos a variação foi de +3,4 p.p..

QUOTA DE MERCADO - CRÉDITO EMPRESAS

(%)



Deve salientar-se, que continua a acentuar-se a evolução favorável do crédito direcionado às melhores e mais dinâmicas PME portuguesas.

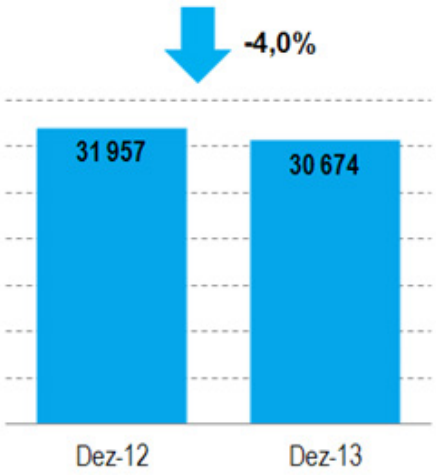
No crédito a particulares, em 2013 verificou-se um decréscimo do volume de crédito concedido, refletindo a conjuntura atual de recessão, de agravamento fiscal e de níveis elevados de desemprego.

Variação positiva no crédito hipotecário ainda insuficiente para compensar o aumento das amortizações

No segmento do crédito à habitação deve referir-se que, em 2013, se registou uma variação positiva homóloga de cerca de 6,7% na contratação de novas operações, embora esta variação não tenha sido suficiente para compensar a redução do stock por via das amortizações. O saldo do crédito à habitação concedido pela rede comercial em Portugal reduziu-se assim em 4,0% em termos homólogos, atingindo 30 674 milhões de euros no final de 2013.

CARTEIRA DE CRÉDITO HABITAÇÃO - REDE COMERCIAL (PORTUGAL)

(milhões de euros)



Crédito em crescimento, nomeadamente na Ásia e em África

Em dezembro de 2013 o volume de crédito concedido pelo BCI Moçambique registou um acréscimo de 159,0 milhões de euros (+16,7%), em relação a dezembro de 2012. O BNU Macau e o BCG Brasil apresentam também evoluções positivas, crescendo 109,2 e 59,9 milhões de euros respetivamente.

Em sentido inverso, a Sucursal da CGD em França e as unidades do Grupo em Espanha foram responsáveis por 68,6% do referido decréscimo do crédito bruto da rede internacional no decurso de 2013: em França, país em que a conjuntura económica continua frágil, a carteira de crédito decresceu 369,9 milhões de euros (-9,5%) e em Espanha, operação da CGD em reestruturação, 402,1 milhões de euros (-7,8%).

Em termos consolidados, o crédito a clientes (bruto) atingiu 74 542 milhões de euros no final de 2013, do qual cerca de 22% correspondeu a crédito concedido pelas restantes unidades do Grupo, apresentando um decréscimo de 4 274 milhões de euros (5,4%) ao longo do ano, sendo este decréscimo mais evidente no segmento dos particulares já que o crédito a empresas em Portugal apresentou uma menos acentuada redução (-3,7%).

CRÉDITO A CLIENTES [(A)]

(milhões de euros)

			Variação	
	Dez/12	Dez/13	Abs.	(%)
CGD Portugal	**61 482**	**58 335**	**-3 148**	**-5,1%**
Empresas	22 770	21 935	-835	-3,7%
Setor Público Administrativo	3 481	3 056	-425	-12,2%
Institucionais e Outros	1 983	1 524	-459	-23,2%
Particulares	33 249	31 820	-1 429	-4,3%
Habitação	31 957	30 674	-1 283	-4,0%
Outras Finalidades	1 292	1 146	-146	-11,3%
Outras Unidades do Grupo	**17 334**	**16 208**	**-1 126**	**-6,5%**
Total	**78 816**	**74 542**	**-4 274**	**-5,4%**

(a) Antes de imparidade e excluindo operações de repos (ativos com acordos de recompra)

QUALIDADE DO CRÉDITO

Numa conjuntura de persistentes dificuldades para o normal funcionamento das empresas, reforçaram-se em 2013 os circuitos e processos de monitorização do risco e de prevenção e controlo do incumprimento.

Acompanhamento especial da atividade de crédito em resposta à profunda transformação do contexto de funcionamento das empresas

No âmbito da prevenção e da gestão do risco de incumprimento, foram, assim, criadas novas soluções para o pagamento da dívida de clientes em risco, potencial ou efetivo. No âmbito do controlo do crédito, de referir os contributos positivos da política de *pricing* ajustado ao risco e o desempenho das Direções especializadas na recuperação de créditos, tanto de empresas como de particulares.

Complementarmente, foi criada a Comissão de Risco que trabalha com o objetivo de definir e acompanhar o perfil de risco do Banco.

No que diz respeito à recuperação de créditos, a CGD tem optado, em alguns casos, por restruturações, procurando em paralelo que a gestão das empresas se mantenha a cargo dos empresários. De entre as soluções mais utilizadas, destacam-se a consolidação e o alargamento de prazos (carência e amortização), sempre com o objetivo da adequação do perfil de encargos à capacidade financeira dos clientes.

Gestão Centralizada de todas as vertentes de risco da atividade financeira

A Gestão Centralizada de Risco que a CGD tem vindo a praticar, assume assim particular importância na política pró-ativa do Banco na prevenção das situações de incumprimento, devendo esta política manter-se em situações de estabilidade económica.

MODELOS DE SERVIÇO

O modelo de serviço da CGD privilegia a proximidade e o acompanhamento dos clientes nos diversos segmentos.

No caso dos Particulares, a carteira de clientes Caixa Mais, um serviço personalizado de gestão relacional que acompanha os clientes particulares que demonstrem potencial de crescimento de negócio, tem contribuído para o aumento da rentabilidade. Esta carteira de clientes foi a que mais cresceu em 2013, com mais de 800 000 clientes com acompanhamento comercial diferenciado. Todas as agências universais disponibilizam o serviço Caixa Mais e em 90%, 664 agências, 1 069 assistentes comerciais acompanham cerca de 500 000 clientes.

O modelo de serviço destinado ao segmento dos clientes de Gama Alta – Caixazul – está atualmente presente em 576 agências (78% da Rede), através de 961 gestores dedicados, responsáveis pelo acompanhamento e apoio a um universo de aproximadamente 300 000 clientes de gama alta. Trata-se de uma oferta de produtos e serviços exclusivos com um atendimento personalizado, com o objetivo de prestar um serviço de excelência. Enquanto Banco de todos os portugueses, a CGD objetiva aumentar a taxa de penetração também neste estrato da população.

Serviços Caixa Mais e Caixazul: duas abordagens complementares no universo de clientes particulares

Os segmentos de clientes universitários e residentes no estrangeiro constituem segmentos estratégicos para a CGD, pelo seu contributo para o total de captação junto dos clientes particulares e pelo potencial de criação de valor. A continuidade da relação preferencial com a CGD no momento da integração na vida profissional, principal objetivo estratégico da gestão do segmento universitário, conduziu à transição de mais de 13 000 clientes pós-universitários para novos serviços mais apropriados à nova etapa do seu ciclo de vida.

Com o objetivo de aprofundar a relação com os clientes residentes no estrangeiro, a CGD prosseguiu com a consolidação do serviço Caixazul Internacional (para clientes Gama Alta) e com o serviço on-line Caixadirecta Internacional.

No caso das Empresas, o serviço Caixa Empresas – serviço de atendimento personalizado e aconselhamento financeiro às PME, Micro Empresas e Empreendedores – revelou em 2013 um dinamismo acima da média, tendo presente o enfoque estratégico de posicionamento de CGD como “Banco das Empresas”. Assim, através das suas equipas de gestores comerciais dedicados, a CGD prosseguiu e aprofundou nomeadamente o apoio à tesouraria e à capitalização de empresas.

Serviço Caixa Empresas apresenta dinamismo particular, decorrente da abordagem da CGD enquanto “Banco das Empresas”

O modelo de serviço Caixa Empresas tinha no final de 2013 uma rede própria de 29 Gabinetes com 108 gestores para apoiar PME, e espaços próprios na rede de agências CGD com uma equipa de 266 gestores para apoiar Empresários em Nome Individual e Micro Empresas.

EMPRESAS

Um dos objetivos traçados para o ano de 2013 consistia na angariação de novos clientes, desafio que foi bem sucedido. O número e o envolvimento de clientes empresa aumentou, e para esta evolução muito contribuiu uma mudança de paradigma no crédito concedido às empresas, com enfoque acrescido no crédito a curto prazo. O lançamento de novos produtos e linhas específicas da CGD, nomeadamente o IVA EnCaixa, a Linha Caixa Capitalização, a Caixa Exportações e o Caixa Mais Tesouraria, que potenciaram o reforço da quota de mercado da CGD neste segmento (18,2% em novembro de 2013 no crédito às empresas, com uma evolução favorável de +0,9 p.p. desde dezembro de 2012).

Quota de mercado de crédito às empresas cresce 3,4% em 5 anos

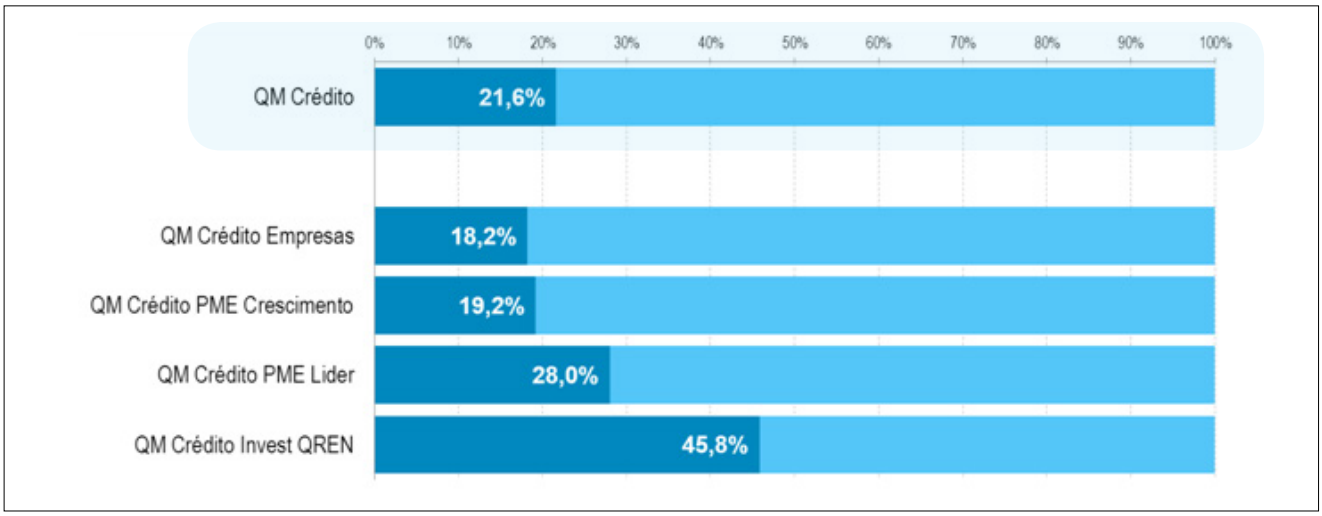
A captação de novos clientes empresa, tendo em vista a sua vinculação à CGD como o Banco de primeira relação, contribuiu em grande medida para a liderança nas linhas de crédito protocoladas PME Crescimento

Liderança atingida em 2013 nas linhas PME Crescimento, PME Invest e Investe QREN

2013[2], com uma quota de mercado de 19,2%, PME Invest[3], com uma quota de 19,1%, e Investe QREN, com uma quota de mercado de 45,8%.

QUOTAS DE MERCADO - LINHAS DE CRÉDITO

(%)



O universo de empresas nacionais distinguidas em 2013 com o Estatuto de PME Líder totalizou 6 980 empresas, das quais 1 958 são clientes CGD (cerca de 28%). Segundo dados do IAPMEI, a CGD apoia 252 PME Excelência, sendo o banco com mais novas adesões Líder.

É importante referir que, em 2013, não obstante a agressiva concorrência sentida neste segmento naturalmente disputado por todos os bancos a operar em Portugal, o segmento das empresas, em particular as microempresas e as PME, foi o mais dinâmico na contratação de operações de crédito na CGD.

Seguindo sempre uma clara política de pricing ajustado ao risco, a contratação de novas operações de crédito a empresas – que atingiram 2 100 milhões de euros, em outubro de 2013 – contribuiu para enfrentar dois desafios com que a CGD se depara: a prevenção do incumprimento e a recuperação da margem financeira. Assim, o *pricing* das novas operações, ajustando-se à realidade da economia portuguesa e ao risco de cada cliente, procura salvaguardar a rentabilidade das operações e o controlo do risco de crédito.

2 Linhas de crédito destinadas a investimento novo em ativos fixos, reforço do fundo de maneio ou dos capitais permanentes, e (até 30% do empréstimo) para liquidar dívidas contraídas, quer junto do sistema financeiro nos 3 meses anteriores à contratação da operação, quer para regularização de dívidas em atraso à Administração Fiscal e Segurança Social.
3 Linhas de crédito com o objetivo de facilitar o acesso das PME ao crédito bancário, nomeadamente através da bonificação de taxas de juro e da redução do risco das operações bancárias através do recurso aos mecanismos de garantia do Sistema Nacional de Garantia Mútua.

PARTICULARES

No segmento de Particulares, prosseguiu em 2013 o enfoque nos elevados padrões de satisfação dos clientes, na qualidade do serviço prestado e nas iniciativas orientadas para o estímulo à poupança e à vinculação dos clientes. Neste contexto, a CGD deu continuidade às ações de reforço da gestão relacional dos clientes, aumentando o número de comerciais afetos a atendimento personalizado e consequentemente o número de clientes com gestão dedicada. Simultaneamente foi reforçada a disponibilização de meios e funcionalidades de interação com os clientes, ao nível dos canais eletrónicos.

Acompanhamento dos clientes em melhoria contínua

SETOR PÚBLICO ADMINISTRATIVO

O relacionamento com os clientes da CGD pertencentes ao Setor Público Administrativo (SPA) registou alguma alteração em resultado, nomeadamente, do novo enquadramento legal de 2013, que indica que os fundos destas entidades deverão ser centralizados no Tesouro, o que teve natural impacto nos depósitos. Não obstante, é de referir que a CGD continuou a ser o banco que mais crédito de médio e longo prazo concedeu às entidades do SPA.

CANAIS ELETRÓNICOS

Todos os serviços de banca à distância foram enriquecidos com um conjunto de novas funcionalidades e aplicações de suporte, que permitem assegurar um salto qualitativo na melhoria do serviço prestado ao cliente e uma maior dinâmica na gestão destes canais complementares ao atendimento presencial.

Enriquecimento do atendimento à distância

O Caixa e-Banking (serviço on-line para empresas) manteve a tendência de crescimento ao nível da evolução das adesões, +9,7%, e é responsável pela movimentação de 100 milhões de euros, em média, por dia. Mas 2013 ficou marcado pelo lançamento da App Caixadirecta para diversos sistemas operativos móveis. O sucesso foi instantâneo, já que neste momento os utilizadores da App Caixadirecta representam já 11% dos acessos ao serviço on-line para clientes particulares. Esta inovação foi coroada com o prémio “The Best Mobile Banking App”, atribuído pela European Financial Management Association (EFMA).

Utilizadores App Caixadirecta em forte crescimento

App Caixadirecta: “*The best Mobile Banking App*”

MEIOS DE PAGAMENTO

Também nos meios de pagamento 2013 ficou marcado por propostas inovadoras e exclusivas. O serviço Netcaixa *Contactless* é o melhor exemplo deste facto. Trata-se de um serviço baseado numa tecnologia que permite maior agilidade, comodidade e rapidez nos pagamentos nos novos terminais de pagamento automático (TPA) com tecnologia contactless. Nestes TPA, é permitido efetuar pagamentos até 20 euros pela simples aproximação do cartão junto do terminal, sem necessidade de digitar o código de acesso. A tecnologia contactless tem vantagens quer para as empresas (rapidez e simplicidade no pagamento, diminuição de filas de espera, redução do numerário em caixa), quer para os clientes (velocidade de pagamento, conveniência nas compras, meio de pagamento seguro).

ATIVIDADE INTERNACIONAL

A extensa rede internacional do Grupo CGD, que abrange 23 países, destino de cerca de 80% das exportações nacionais, constitui um dos ativos de maior valia para o desenvolvimento de uma trajetória de crescimento sustentável do Grupo permitindo, em paralelo, o suporte à internacionalização das Empresas e da Economia Portuguesa.

A promoção de negócio cruzado entre as unidades situadas nas diferentes geografias em que o Grupo marca presença, e entre estas e a rede doméstica, funciona, sobretudo na presente conjuntura, como uma alavanca fundamental para o crescimento do negócio e da rentabilidade consolidada.

Dinamização de negócio cruzado entre toda a rede global CGD através de um número crescente de gestores especializados

A CGD tem vindo deste modo a aprofundar um modelo de acompanhamento próximo dos clientes com negócio internacional ou em processo de internacionalização, em toda a rede global CGD. Tal acompanhamento é realizado sobretudo por gestores especializados em produtos e instrumentos de comércio externo e em soluções de investimento, os quais detêm um profundo conhecimento sobre o funcionamento dos vários mercados e dos condicionalismos específicos de cada um destes sistemas em particular. Neste enquadramento, o Grupo CGD atua através de um conjunto de *desks* internacionais, já em funcionamento nas unidades localizadas nas geografias com maior potencial em matéria de negócio internacional, devendo este modelo expandir-se gradualmente a toda a rede global da CGD.

Dinamização de *desks* de negócio internacional nas geografias com maior potencial de crescimento

A estratégia que a CGD vem seguindo na esfera internacional tem resultados visíveis em diversas vertentes, nomeadamente na captação de 700 novos clientes com negócio externo e no aumento do número de operações; porém, em volume esta expansão não tem ainda expressão o que se refletiu já, a nível interno, no reforço da prioridade aos objetivos comerciais nesta área.

Um dos aspetos mais relevantes a ocorrer na esfera internacional consiste no profundo processo de reestruturação em curso na operação CGD em Espanha, cuja evolução se encontra alinhada com o acordo estabelecido no âmbito do Plano de Reestruturação com a DG Comp. Em 2013 deram-se importantes passos neste programa, concretizados nomeadamente num redimensionamento da rede e na otimização dos serviços e processos.

Neste último aspeto merece especial relevância o facto da redução do número de empregados ter ocorrido até hoje através de um processo fluido e isento de conflitos com as estruturas de trabalhadores.

O redimensionamento antes referido tem um natural reflexo no aumento de custos não recorrentes da unidade.

Operação em Espanha, país de destino de 23,7% das exportações portuguesas, com enfoque no negócio ibérico

Aspeto crucial deste programa de reestruturação consiste na reorientação do modelo de negócio, agora orientado sobretudo para o negócio ibérico e tendencialmente para a promoção do negócio com outras geo-

grafias com presenças CGD.

A presença do Grupo em Espanha tem relevância estratégica fundamental já que a região ibérica é considerada como o mercado doméstico do Grupo.

O negócio dos clientes particulares residentes no estrangeiro continua a ser alvo de especial atenção por parte da CGD, essencialmente através do fortalecimento dos modelos de atendimento à distância e da crescente qualificação das unidades do Grupo no exterior, nomeadamente a rede de Escritórios de Representação, Sucursais e Filiais e outras unidades de banca de retalho do Grupo.

Os resultados alcançados na rede internacional confirmam e reforçam a aposta que o Grupo tem vindo a fazer em regiões de elevado dinamismo económico, a qual se reflete nos contributos largamente positivos para o resultado consolidado do Grupo com origem na Ásia e África.

Fortes contributos para o resultado líquido consolidado de Ásia, África e França

CONTRIBUTO DA ÁREA INTERNACIONAL PARA O RESULTADO LÍQUIDO CONSOLIDADO

(milhões de euros)

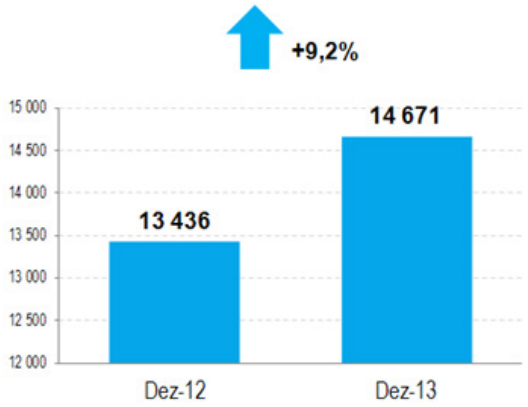
	Dez/12	Dez/13
Filiais e Sucursais na Ásia e em África	83,1	92,6
Outras Filiais e Sucursais	-124,4	-175,9
Total Internacional	**-41,3**	**-83,3**
Total Internacional, excluindo Espanha	**118,1**	**99,2**

Destaque especial merecem também os desempenhos da Sucursal de Timor, país muito pequeno e jovem no qual o Grupo constitui a única presença bancária Portuguesa há mais de um século e, na esfera dos mercados maduros, a Sucursal de França cujo resultado cresceu na ordem dos 32% face a 2012.

Os números ainda desfavoráveis associados à operação em Espanha, resultantes em grande parte do processo de reestruturação antes referido, não permitem que o Grupo apresente um proveito no total da atividade internacional. Expurgando os prejuízos desta operação, a área internacional regista um resultado positivo de 99,2 milhões de euros, que compara com 118,1 milhões em 2012.

RECURSOS DE CLIENTES DA ÁREA INTERNACIONAL

(milhões de euros)



Crescimento de 9,2% na captação de Recursos na área internacional

Em 2013 registou-se um reforço da captação junto dos clientes particulares residentes no estrangeiro, contribuindo assim favoravelmente para este importante agregado do balanço com uma taxa de crescimento de 9,2%. Os crescimentos com maior peso foram registados em Macau, Angola, Moçambique e Espanha.

BANCA DE INVESTIMENTO

O atual enquadramento macroeconómico continua a impactar desfavoravelmente os resultados do Banco que, afetados pelo reforço de provisões e imparidade, se situaram em 28 milhões de euros em dezembro de 2013, em linha com o atingido em 2012.

CORPORATE FINANCE – DÍVIDA

O CaixaBI alcançou o primeiro lugar do ranking para bookrunners de emissões obrigacionistas em euro de emitentes nacionais[4], destacando-se as seguintes operações com a sua participação:

Participação nas mais significativas operações no mercado obrigacionista

- Obrigações do Tesouro: *joint lead manager* e *bookrunner* na emissão da nova OT a 10 anos, no montante total de 3 000 milhões de euros, e *co-lead* manager na reabertura sindicada da OT 4,35% Outubro 2017, no montante de 2 500 milhões de euros.
- CGD*: joint lead manager* e *bookrunner* de emissão de obrigações hipotecárias no montante de 750 milhões de euros.
- PT: *joint lead manager* e *bookrunner* no *eurobond* da PT no montan-

4 Considerando apenas emitentes fora do Grupo do bookrunner

te de 1 000 milhões de euros com vencimento em 2020.

- REN*: joint lead manager* e *bookrunner* em dois *eurobond* da REN no montante de 300 milhões de euros a 5 anos e 400 milhões a 7 anos.
- Galp: *joint lead manager* e *bookrunner* no *eurobond* inaugural da Galp Energia, no montante de 500 milhões de euros e com maturidade em 2019, e organização e liderança conjunta de empréstimo obrigacionista no montante de 600 milhões de euros pelo prazo de 4 anos.
- Empark: *joint lead manager* e *bookrunner*, através de uma emissão envolvendo duas tranches (taxa fixa e taxa variável), no montante global de 385 milhões de euros, pelo prazo de 6 anos.
- Parpública, Sonae Sierra, Mota-Engil África, EDA e Violas/Cotesi: organização e liderança de emissões obrigacionistas no montante de 170 milhões de euros, 75 milhões, 75 milhões, 50 milhões e 10 milhões de euros respetivamente.

Adicionalmente, o CaixaBI organizou e liderou catorze novos Programas de Papel Comercial e concluiu trinta e nove prorrogações e/ou revisões de condições de Programas abertos em anos anteriores.

MERCADO DE CAPITAIS – AÇÕES

O CaixaBI consolidou a sua posição de destaque ao nível de mercado de capitais no mercado português, alcançando o segundo lugar na *league table* ECM Portugal de 2013, tendo sido a instituição financeira nacional melhor posicionada. Realça-se a participação do CaixaBI nas seguintes operações:

- CTT: *global coordinator* e *bookrunner* no IPO dos CTT, com a colocação de 70% do seu capital em bolsa.
- Portugal Telecom: assessor da CGD e *joint bookrunner* da oferta para a alienação da participação de 6,11% no capital da Portugal Telecom detida pela CGD, através de *accelerated bookbuilding*.
- EDP: assessor da Parpública e *joint bookrunner* na alienação da participação de 4,14% do capital da EDP, correspondendo à venda de um bloco de 151 517 000 ações, através de um processo de *accelerated bookbuilding* dirigido em exclusivo a investidores institucionais nacionais e internacionais. Adicionalmente, o CaixaBI foi também assessor da Parpública no processo de admissão à negociação na NYSE Euronext Lisbon do referido bloco de ações da EDP.

CORPORATE FINANCE – ASSESSORIA

Relevante ação de assessoria financeira em Portugal

Apesar do contexto macroeconómico desafiante e do decréscimo de atividade de fusões e aquisições verificado em 2013, de acordo com a Bloomberg, o CaixaBI manteve a liderança do *ranking* português de assessoria em operações de M&A (Operações concluídas em 2012 e 2013).

Em 2013, o CaixaBI desenvolveu e concluiu com sucesso diversos projetos dos quais se destacam:

- Parpública: assessoria financeira à Parpública no âmbito do IPO dos CTT.
- Zon: assessoria financeira à Zon no âmbito da operação de fusão da Zon Multimédia com a Optimus por incorporação desta última na Zon Multimédia.
- Parpública: assessoria financeira prestada à Parpública na alienação da participação de 4,14% na EDP.
- CGD: assessoria financeira à CGD, no âmbito da alienação da participação de 6,11% na Portugal Telecom.
- HPP Saúde: *closing* da operação de alienação da HPP Saúde, cujo *signing* ocorreu no final de 2012.
- Banco Terra: assessoria financeira no âmbito da alienação de uma participação no Banco Terra, em Moçambique.

SINDICAÇÃO E VENDAS

Durante o ano 2013 o CaixaBI participou nas seguintes emissões de mercado primário:

- PGB 4,35% 2017: *joint lead manager* no *tap* da emissão a 5 anos da República Portuguesa, com colocação de 2 500 milhões de euros.
- PGB 5,65% 2024: *joint lead manager* na colocação de 3 000 milhões de euros a 10 anos da República Portuguesa.
- CGD 3,75% 2018, Obrigações Hipotecárias: *joint lead manager* numa operação com colocação final de 750 milhões de euros a 5 anos.
- Galp 4,125% 2019: *joint lead manager* na emissão inaugural em mercado de dívida da Galp Energia de 500 milhões de euros a 5 anos.
- Portugal Telecom 4,625% 2020: *joint lead manager* numa operação com colocação final de 1 000 milhões de euros.
- Empark 6,75% 2019: *joint lead manager* da emissão *high yield* inaugural da Empark com uma tranche a taxa fixa, de 235 milhões de euros a 6 anos, e uma tranche a taxa variável, de 150 milhões de euros a 6 anos.
- REN 4,125% 2018: *joint lead manager* numa operação a 5 anos com colocação final de 300 milhões de euros.
- REN 4,75% 2020: *joint lead manager* na emissão de 400 milhões de euros a 7 anos.
- Banque Populaire Caisse D'Épargne 1,325% 2017: *co-lead manager*, numa emissão de 500 milhões de euros.

Em relação ao segmento de Papel Comercial, foram colocadas 222 emissões correspondentes a um montante total de 3 300 milhões de euros.

INTERMEDIAÇÃO FINANCEIRA

De acordo com a CMVM, o Grupo CGD alcançou o segundo lugar do *ranking* de intermediários financeiros, registando uma quota de mercado acumulada de 13,9% e um crescimento de 20,4% no volume transacionado face a 2012. Para este resultado contribuíram a participação do CaixaBI no IPO dos CTT e, enquanto *bookrunner*, nos *accelerated bookbuilding* de 4,14% do capital da EDP e de 6,11% do capital da PT, bem como o crescimento da atividade no segmento de clientes internacionais. De salientar ainda a participação no IPO da Belgium Post e nos *accelerated bookbuilding* de 12% do capital da International Airlines Group e de 12% do capital da Mapfre.

TRADING – DÍVIDA PÚBLICA E *LIQUIDITY PROVIDING*

O desempenho do CaixaBI enquanto Operador Especializado em Valores do Tesouro permitiu-lhe alcançar o segundo lugar no ranking global do IGCP. No que respeita à atividade de *liquidity provider*, esta manteve-se com boa performance, continuando o Banco a atuar sobre um conjunto de títulos cotados na NYSE Euronext Lisbon, tendo a Euronext atribuído ao CaixaBI o *rating* máximo "A" em todos os títulos e categorias. Também de assinalar a atividade pioneira do Banco no novo segmento criado pela NYSE Euronext para fomento de liquidez junto de investidores de retalho, o *Retail Matching Facility*.

ASSESSORIA E GESTÃO DE RISCO A EMPRESAS

Das operações contratadas ao longo do período, destaca-se a cobertura para a operação de crédito do projeto Luanda Shopping, reforçando a posição do CaixaBI como centro de competências de estruturação de derivados do Grupo, e diversas operações de cobertura cambial num montante nocional total de 357 milhões de dólares.

Face à reduzida procura por coberturas de taxas de juro, o CaixaBI manteve a atividade de estruturação de operações de cobertura de risco com opções estruturadas *tailor made* e de desenvolvimento de soluções para cobertura de *commodities*, sendo de destacar a reestruturação de operações com um montante nocional total de 398 milhões de euros.

PROJECT FINANCE

Relativamente à atividade de financiamento realizada numa base de *project finance*, o Grupo CGD manteve o 1º lugar na Dealogic League Table (Dealogic MLA League Tables via ProjectWare) de *mandated lead arrangers* em Portugal, sendo o banco nacional com melhor desempenho a nível do *ranking* europeu em 2013. Destacam-se as seguintes operações assessoradas pelo CaixaBI:

- Indaqua Oliveira de Azeméis: financial closing da concessão de águas, com assessoria, estruturação e montagem do financiamento pelo CaixaBI.
- Indaqua Vila do Conde: conclusão do reequilíbrio económico-financeiro da concessão de águas.

- Central Greece: conclusão da reestruturação da concessão rodoviária na Grécia.
- Parpública: conclusão da transferência de parte do pacote contratual da Elos para a Parpública.
- Itevelesa: conclusão do refinanciamento deste grupo espanhol com atividade no setor das inspeções automóveis.
- Hixam II: conclusão do refinanciamento deste portfolio de parques de estacionamento do Grupo Isolux.
- Abengoa: assessoria no concurso para a atribuição de uma concessão para a prestação de serviços de operação, manutenção e expansão do sistema de reservatórios de controlo de cheias da bacia hidrográfica do Alto Tietê, no Estado de São Paulo, em parceria com o BCG-Brasil.
- Rodovias Federais: o CaixaBI, em parceria com o BCG - Brasil, é assessor de um dos principais players brasileiros, a Odebrecht TransPort, empresa da Organização Odebrecht, em diversos concursos para rodovias federais no Brasil. No âmbito destes concursos, uma das concessões recentemente atribuídas à Odebrecht TransPort foi a BR-163/MT, com um total de 850 km.

STRUCTURED FINANCE

No que respeita a operações estruturadas numa base *corporate*, destaca-se em 2013 a estruturação e montagem do financiamento à Tagus Holding SARL (sociedade detida em 55% pelo Grupo José de Mello e em 45% pela Arcus European Infrastructure Fund) no âmbito do Mecanismo de Saída dos Acionistas Minoritários da Brisa. Destaque também para a atuação como *mandated lead arranger* na *revolving credit facility* da Empark e a conclusão de diversos processos de reorganização de passivos financeiros sindicados participados pelo Grupo CGD, dos quais se destacam a Saprogal, Celsa Group, Ges Siemsa, a Yelmo, o Grupo Erosky, a Blinker e o Grupo Bodybell.

CAPITAL DE RISCO

A Caixa Capital prosseguiu a atividade de captação e análise de oportunidades de investimento tendo apreciado 121 projetos no ano, dos quais 21 mereceram aprovação. Foram concretizados 28 investimentos (11 novos e 17 reforços de investimentos já realizados), num total de 25 milhões de euros.

Assinala-se ainda a constituição, em 2013, de dois fundos de capital de risco, o Caixa Crescimento, com um capital objetivo de 150 milhões de euros, que terá uma aplicação anual de 30 milhões e investirá em participações sociais em PME e em *mid-caps*, e o Caixa Fundos, com um capital de 199 milhões de euros, que se posiciona na área de operação indireta (fundo de fundos).

Da totalidade dos fundos sob gestão (cerca de 607 milhões de euros), o valor investido em participadas ascendia no final de 2013 a 311 milhões de euros, dos quais 227,4 milhões aplicados em sociedades e 83,6 mi-

lhões em fundos.

SEGUROS

No âmbito da implementação das medidas estabelecidas pelo Programa de Assistência Económico Financeira ao Estado Português, a Caixa Seguros e Saúde deu seguimento ao processo de alienação das suas participações na atividade seguradora e na área da saúde.

Com efeito, foi concluída, ainda no primeiro semestre de 2013, a alienação da HPP, SGPS. De igual modo, foram desencadeadas as fases preparatórias dos processos de venda da LCS-Linha de Cuidados de Saúde e de uma participação maioritária de 80% na área seguradora do Grupo, prevendo-se uma finalização dos mesmos no início de 2014.

CAIXA SEGUROS E SAÚDE, SGPS, S. A.

Em 2013 a Caixa Seguros e Saúde apresentou um resultado líquido consolidado de 131 milhões de euros, o que representa um aumento de 40 milhões (+44%) face ao ano anterior, beneficiando quer da melhoria do resultado da área seguradora, quer da mais-valia resultante da alienação da HPP, SGPS.

Com efeito, a área seguradora apresentou um contributo para o resultado líquido de 110 milhões de euros, o que traduz um crescimento de +4% face aos 106 milhões contabilizados em 2012. Para este desempenho são de destacar, sobretudo, a melhoria do resultado financeiro e a contenção de custos de funcionamento (excluindo variação de Provisões para Riscos e Encargos), que mais do que compensaram o impacto negativo da sinistralidade extraordinária relacionada com as condições climatéricas do primeiro trimestre do ano – aspeto que afetou de modo generalizado todas as seguradoras Não Vida do Mercado.

Em termos consolidados, a Caixa Seguros evidenciou um decréscimo do seu nível de solvência para 182% (219% em 2012), em consequência de, no âmbito do processo de alienação, se ter procedido a uma redução de capital, num valor global de 340 milhões de euros.

LIDERANÇA NA ATIVIDADE SEGURADORA

A Caixa Seguros lidera de forma destacada o setor segurador nacional, com uma quota de mercado global de 26,9% (27,2% nos ramos Vida e 26,1% nos ramos Não Vida), tendo atingido um montante de prémios, na atividade em Portugal, de 3 523 milhões de euros (2 517 milhões no ramo Vida e 1 006 milhões nos ramos Não Vida).

RESULTADO NA ATIVIDADE SEGURADORA

A margem de técnica de exploração, incluindo resseguro e resultado financeiro, atingiu 449 milhões de euros, inferior em 2% ao valor do ano anterior, tendo beneficiado das melhorias verificadas nos ramos Vida Financeiro e Acidentes de Trabalho, que quase compensaram as reduções

nas restantes linhas de negócio.

Assim, ao nível da atividade Vida verificou-se um aumento da margem técnica para 215 milhões de euros (+12% que em 2012), sendo 114 milhões provenientes do ramo Vida Risco e os remanescentes 101 milhões de euros com origem nos seguros financeiros.

Por seu lado, o conjunto dos ramos Não Vida evidenciou uma redução de 12% na margem técnica, para 234 milhões de euros, repercutindo a redução da mesma na maioria dos ramos, com exceção de Acidentes de Trabalho.

Contudo, há a referir que o contributo para o resultado foi positivo na generalidade das linhas de negócio, exceção feita ao ramo Acidentes de Trabalho - o qual, apesar da melhoria evidenciada, continua a repercutir dificuldades de equilíbrio técnico, fruto da divergência entre os preços praticados no mercado e as necessidades de um adequado provisionamento de responsabilidades futuras.

A compatibilização, a bom nível, dos indicadores de produção e de rentabilidade traduz o resultado da estratégia da Caixa Seguros, assente no desenvolvimento qualitativo das redes de distribuição, nas políticas de produto e, sobretudo, na constante procura de diferenciação qualitativa do serviço prestado aos clientes e parceiros de negócio.

O *loss ratio*, que atingiu um máximo de 89,6% em Fevereiro do ano em apreço, devido à sinistralidade extraordinária do último inverno, recuperou 14,4 pontos percentuais, para 75,2% no final de 2013, ficando 3 p.p. acima do valor registado em 2012.

Por sua vez, o *expense ratio* (27,7%) evidenciou uma redução de 0,4 p.p. face a 2012, refletindo a política de contenção de custos que tem vindo a ser implementada.

Em conclusão, o rácio combinado (*loss ratio* + *expense ratio*) líquido de resseguro da atividade Não Vida foi de 102,9% o que traduz um agravamento face ao ano anterior em 2,6 p.p., sobretudo decorrente do agravamento da sinistralidade do agrupamento Incêndio e Outros Danos.

RATING

7

Em junho de 2013 a agência de notação DBRS manteve os *ratings* atribuídos à CGD, por sua vez confirmados pela FitchRatings em julho último.

Em dezembro de 2013 a Moody´s confirmou os *ratings* da CGD, mantendo o *outlook* negativo, no seguimento da revisão do *rating* da República Portuguesa.

Também na sequência da confirmação do *rating* de longo prazo da República Portuguesa concretizado em setembro de 2013, a Standard & Poor's (S&P) confirmou os *ratings* da CGD embora os tenha colocado em *credit watch* com implicações negativas.

Standard & Poor's retira *credit watch* com implicações negativas ao *rating* da CGD

No entanto, já em janeiro de 2014, a S&P reafirmou as notações da CGD, removendo o *credit watch* com implicações negativas, novamente na sequência de idêntica ação sobre o *rating* de longo prazo da República Portuguesa.

	CGD			Portugal		
	Curto Prazo	Longo Prazo	Data	Curto Prazo	Longo Prazo	Data
Standard & Poor's	B	BB-	Jan-14	B	BB	Jan-14
FitchRatings	B	BB+	Jul-13	B	BB+	Out-13
Moody's	N/P	Ba3	Dez-13	N/P	Ba3	Nov-13
DBRS	R-2 (mid)	BBB (low)	Jun-13	R-2 (mid)	BBB (low)	Dez-13

8 FUNDO DE PENSÕES

Em 31 de dezembro de 2012 e 2013, as responsabilidades com as pensões de reforma do pessoal da CGD ascendiam a 1 542 milhões de euros e 1 712 milhões de euros, respetivamente, registando um aumento 170,4 milhões de euros. No final de 2013 as responsabilidades encontravam-se financiadas a 100% pelo Fundo de Pensões. O rendimento efetivo do fundo de pensões foi superior à taxa de desconto o que induziu um desvio atuarial positivo, compensando parcialmente os desvios decorrentes das alterações dos pressupostos atuariais. No final do ano, os desvios atuariais associados às responsabilidades com as pensões ascendiam a cerca de 159 milhões de euros.

As responsabilidades associadas aos benefícios médicos pós-emprego do pessoal da CGD - plano médico encontram-se provisionadas na sua totalidade e ascendiam, em 31 de dezembro de 2012 e 2013, a 452,2 milhões de euros e 466,9 milhões, respetivamente. No final do ano, os desvios atuariais associados às responsabilidades com as pensões ascendiam a cerca de 67,4 milhões de euros.

No final de dezembro de 2013, a CGD ajustou os pressupostos de evolução salarial, fixando-a 0,5% entre 2014 e 2017 e 2,0% para os anos seguintes, bem como a de evolução do crescimento das pensões que passou a 0% entre 2014 e 2017 e 1,0% para os anos seguintes. Adicionalmente, a CGD reduziu a Taxa de Desconto em 0,5 p.p. (de 4,5% para 4,0%).

INVESTIMENTO NO FUTURO

9

O elevado valor atribuído pelas comunidades Portuguesas espalhadas pelo Mundo à marca CGD, reconhecida como aquela que merece maior confiança pela população, decorre em larga medida da abordagem de compromisso cívico e responsabilidade social presentes na generalidade das práticas comerciais e de gestão do Grupo.

A CGD contribui no presente para a construção de um futuro sustentável

Contribuir para a construção de um futuro sustentável, nomeadamente em termos sociais, culturais e ambientais, constitui um elemento presente nas decisões e políticas de gestão que a CGD põe em prática no seu quotidiano de instituição bancária que pretende continuar a ser reconhecida como fazendo parte da vida dos Portugueses e Portuguesas de todas as gerações, etnias e estratos socioculturais.

Este vínculo reforça o comprometimento da CGD com o seu Programa Corporativo de Sustentabilidade, permitindo atribuir um sentido prático e de maior alcance aos valores e princípios que preconiza também para o Grupo.

Em carta dirigida ao Secretário-geral das Nações Unidas, Ban Ki-moon, a CGD aderiu em 2013 aos 10 Princípios do Global Compact. Trata-se de uma iniciativa para as empresas que se comprometam a alinhar a sua atividade com 10 princípios universalmente aceites nas áreas dos direitos humanos, práticas laborais, proteção ambiental e anticorrupção. Ao subscrever estes princípios, a CGD vai integrar e colaborar ativamente redes Global Compact que existam nos países onde possuam operações com impacte relevante na sociedade, economia e ambiente, contribuindo desta forma para o desenvolvimento das comunidades locais.

A CGD ganhou o Prémio Setorial e destacou-se no ranking geral da 5.ª edição do Prémio Desenvolvimento Sustentável

No âmbito do Programa de Sustentabilidade da CGD, alinhado com as melhores práticas internacionais de responsabilidade social e ambiental, a Caixa atua em cinco áreas-chave: Banca Responsável, Promoção do Futuro, Proteção do Ambiente, Envolvimento com Stakeholders e Gestão do Ativo Humano.

A CGD através da existência de um Sistema de Gestão Ambiental, (SGA), entre outras valências e benefícios, tem vindo melhorar o seu desempenho ambiental em várias áreas, nomeadamente na energia, emissões de CO2, resíduos, consumo de recursos, literacia e responsabilidade ambiental.

O voluntariado corporativo tem, ano após ano, adquirido notável expressão na comunidade CGD, constituindo hoje elemento integrante do modelo da vida da empresa e dos seus colaboradores. Verifica-se de facto um efeito de contágio saudável entre colaboradores na resposta aos desafios sociais sempre presentes, mas particularmente presentes em momentos de dificuldades em que a coesão social assume relevo especial.

Destacam-se, por exemplo, as seguintes iniciativas:

- Banco Alimentar – Recolha de Alimentos;
- Junior Achievement Portugal;
- Young VolunTeam;
- Dadores de Sangue;
- Apoio a crianças com doença oncológica e respetivas famílias através da Associação Acreditar (colaboração que a CGD vem desenvolvendo há mais de uma década).

A CGD tem reforçado, de ano para ano, o investimento em ações e iniciativas do âmbito da educação financeira, destacando-se o programa de educação financeira da CGD – Saldo Positivo – com o compromisso do incentivo à educação e à inclusão financeira dos consumidores particulares e dos gestores das empresas.

CGD lidera segmento de Microcrédito em Portugal

A CGD tem vindo a multiplicar esforços para a criação de condições na adesão ao microcrédito, para tal dispõe de linhas de microcrédito assentes em protocolos com a Associação Nacional de Direito ao Crédito (ANDC) e com o Instituto do Emprego e Formação Profissional (IEFP) e que visam apoiar projetos, mediante o acesso ao crédito bancário por parte de pessoas que, em condições normais de mercado, têm dificuldades no acesso ao crédito. Salienta-se ainda o facto de a CGD ser líder de mercado no Microcrédito (23,4 milhões de euros), segmento em que se destaca o empreendedorismo feminino (+50%).

Intervenção cívica é parte integrante do posicionamento da CGD junto da comunidade

No âmbito da política de responsabilidade social e de inovação da CGD, é de realçar a nova linha de atendimento ao Cidadão Surdo através de vídeo chamada com o Caixa ContactCenter. A CGD é a primeira instituição financeira a disponibilizar este tipo de atendimento a clientes com necessidades especiais, permitindo obter informação sobre os seus produtos e serviços. O serviço funciona com o cliente a estabelecer contacto visual com um intérprete de língua gestual portuguesa, através de vídeo chamada que, por sua vez, assegura a ligação em áudio com o Caixa ContactCenter.

Em novembro de 2013, foi lançada a nova funcionalidade “Callback” no site cgd.pt, permitindo, através de dois novos botões: “Quero ser contactado” e “Quero subscrever”, potenciar e concretizar oportunidades de negócio junto dos visitantes do site.

Há um banco que está a ajudar a sociedade portuguesa a dar a volta: a Caixa com certeza

Caracterizando-se por um elevado nível de identificação dos trabalhadores com a sua instituição, a CGD dará continuidade à linha estratégica definida, através do Programa “De Nós para Nós”, que integra um conjunto de projetos, desafios e objetivos transversais a toda a organização e, por isso, decisivos para assegurar a viabilidade e sustentabilidade a médio e longo prazo da CGD e de todo o Grupo.

10 PRÉMIOS E DISTINÇÕES

A Caixa Geral de Depósitos é a marca de referência no setor financeiro português. É a matriz de um moderno grupo financeiro, preparado para satisfazer as necessidades e expectativas de milhões de clientes em 24 países, com particular destaque para os mercados lusófonos.

CGD: Marca que, ano após ano, maior confiança recebe da comunidade que a reconhece como referência de todos os portugueses

Em 2013, foi conotada e caracterizada pelos consumidores portugueses como a marca bancária de maior notoriedade e, também, como: relevante na sociedade, de confiança, sólida, de prestígio, de referência e responsável social e ambientalmente.

A CGD é também a marca que mais contribui para os setores estratégicos da economia, cultura e sustentabilidade, sendo que em 2013, foram atribuídas várias distinções à Caixa Geral de Depósitos em reconhecimento pelo trabalho desenvolvido no âmbito do Programa Corporativo de Sustentabilidade, alinhado com as melhores práticas internacionais de negócio responsável, responsabilidade social e ambiental.

SUSTENTABILIDADE

Banco Mais Sustentável em Portugal em 2012/2013
The New Economy

CGD reconhecida pela transparência e ação face às alterações climáticas - 2013
Carbon Disclosure Project

Empresa "best in class" no sector financeiro ao nível internacional
Oekom

Prémio Desenvolvimento Sustentável
Heidrick & Struggles em parceria com o Diário Económico

MARCA CGD

A marca Caixa Geral de Depósitos foi também várias vezes distinguida ao longo de 2013.

Marca de Confiança em Portugal - pela 13ª vez consecutiva
Selecções do Reader's Digest

Marca bancária portuguesa com maior Reputação
Reputation Institute

Marca Bancária Portuguesa Mais Valiosa de Portugal - pela 6ª vez consecutiva
Brand Finance Banking

Marca de Excelência - pela 5ª vez consecutiva
Superbrands

Marcas que Marcam 2013
QSP – Consultoria de Marketing, em parceria com o Diário Económico

Banco de referência dos portugueses
Prémios Marketeer 2013

Site Saldo Positivo
Prémio Categoria Banca & Finanças - Programa de literacia financeira

COMUNICAÇÃO DIGITAL

Ao nível das novas tecnologias a CGD tem feito um esforço para acompanhar as últimas novidades:

The Best Mobile Banking App
European Financial Management & Marketing Association

CAMPANHAS

Ouro para a "Campanha Montra Interativa APP Caixadirecta"
Prémios Sapo 2013

BANCA DE INVESTIMENTO

Na área de Banca de Investimento a Caixa BI recebeu este ano os seguintes prémios:

CaixaBI - Melhor Banco de Investimento em Portugal em 2013
World Finance

CaixaBI - Melhor Banco de Investimento em Portugal em 2013
International Finance Magazine

CaixaBI - Melhor Banco de Investimento em Portugal em 2013
Global Banking & Finance Review

CaixaBI - Melhor Cross-border M&A Deal em 2012
Emeafinance

Caixa Geral de Depósitos

14 de fevereiro de 2014

11 BALANÇO CONSOLIDADO

31 DE DEZEMBRO DE 2013

(milhões de euros)

			Variação	
ATIVO	Dez/12 (*)	Dez/13	Abs.	(%)
Caixa e disponibilidades em bancos centrais	1 603	1 545	-58	-3,6%
Aplicações em instituições de crédito	3 774	2 811	-963	-25,5%
Crédito a clientes	74 761	70 074	-4 686	-6,3%
Aplicações em títulos	19 107	18 797	-311	-1,6%
Ativos com acordo de recompra	504	706	201	40,0%
Investimentos em filiais e associadas	216	42	-174	-80,4%
Ativos intangíveis e tangíveis	897	815	-81	-9,0%
Ativos por impostos correntes	55	128	73	130,8%
Ativos por impostos diferidos	1 286	1 378	92	7,2%
Outros ativos	17 077	16 666	-411	-2,4%
Total do Ativo	119 280	112 963	-6 317	-5,3%
PASSIVO				
Recursos de bancos centrais e instituições de crédito	12 227	9 735	-2 492	-20,4%
Recursos de clientes	66 985	67 824	840	1,3%
Passivos financeiros	2 283	1 637	-646	-28,3%
Responsabilidades representadas por títulos	11 799	8 791	-3 008	-25,5%
Provisões	884	881	-3	-0,3%
Passivos subordinados	2 905	2 524	-381	-13,1%
Outros passivos	14 917	14 741	-176	-1,2%
Total do Passivo	**112 000**	**106 134**	**-5 866**	**-5,2%**
Capitais Próprios	**7 280**	**6 829**	**-451**	**-6,2%**
Total do Passivo e Capitais Próprios	**119 280**	**112 963**	**-6 317**	**-5,3%**

(*) Os valores relativos a 2012 são proforma uma vez que incluem as participadas da Caixa Seguros e Saúde,SGPS (Fidelidade, Multicare e Cares) em forma de ativos não correntes detidos para venda e as entidades que se apresentam em forma de um empreendimento conjunto foram integradas pelo método de equivalência patrimonial.

DEMONSTRAÇÃO DE RESULTADOS CONSOLIDADA

12

31 DE DEZEMBRO DE 2013

(milhares de euros)

	Dez/12 (*)	Dez/13	Variação Abs.	Variação (%)
Juros e Rendimentos Similares	4 725 100	3 615 140	-1 109 960	-23,5%
Juros e Encargos Similares	3 485 628	2 756 879	-728 749	-20,9%
Margem Financeira	1 239 472	858 261	-381 211	-30,8%
Rendimentos de Instrumentos de Capital	117 738	72 483	-45 255	-38,4%
Margem Financeira Alargada	**1 357 210**	**930 744**	**-426 466**	**-31,4%**
Rendimentos de Serviços e Comissões	711 008	680 087	-30 921	-4,3%
Encargos com Serviços e Comissões	168 450	158 044	-10 405	-6,2%
Comissões Líquidas	542 558	522 043	-20 515	-3,8%
Resultados em Operações Financeiras	362 934	267 145	-95 789	-26,4%
Outros Resultados de Exploração	36 508	-19 644	-56 152	-153,8%
Margem Complementar	**942 000**	**769 544**	**-172 456**	**-18,3%**
Prémios Líquidos de Resseguro	4 523	4 445	-78	-1,7%
Custos c/ Sinistros Líquidos de Resseguro	1 678	1 669	-9	-0,5%
Comissões e Outros Proveitos e Custos Associados	1 223	1 173	-49	-4,0%
Margem Técnica da Atividade de Seguros	4 068	3 949	-119	-2,9%
Produto da Atividade Bancária e Seguradora	**2 303 278**	**1 704 237**	**-599 041**	**-26,0%**
Custos com Pessoal	734 784	792 879	58 095	7,9%
Outros Gastos Administrativos	476 276	469 401	-6 875	-1,4%
Depreciações e Amortizações	138 446	131 762	-6 685	-4,8%
Custos Operativos e Amortizações	1 349 507	1 394 042	44 535	3,3%
Resultado Bruto de Exploração	**953 771**	**310 195**	**-643 576**	**-67,5%**
Provisões e Imparidade Outros Ativos, Líquida	464 895	307 538	-157 357	-33,8%
Imparidade do Crédito Líquida de Reversões	1 010 304	817 759	-192 545	-19,1%
Provisões e Imparidades	**1 475 199**	**1 125 297**	**-349 902**	**-23,7%**
Resultados de Filiais Detidas para Venda	**95 521**	**135 810**	**40 289**	42,2%
Resultados em Empresas Associadas	**4 029**	**5 030**	**1 001**	**24,9%**
Resultados antes de Impostos e de Int. Minoritários	**-421 878**	**-674 262**	**-252 384**	**-**
Impostos	**-76 719**	**-163 215**	**-86 497**	**-**
Correntes e Diferidos	-106 471	-188 340	-81 869	-
Contribuição Extraordinária sobre o Setor Bancário	29 752	25 125	-4 628	-15,6%
Resultado Consolidado do Exercício	**-345 160**	**-511 047**	**-165 888**	**-**
do qual:				
Interesses Minoritários	49 556	64 738	15 182	30,6%
Resultado Líquido atribuível ao Acionista da CGD	**-394 715**	**-575 785**	**-181 070**	-

(*) Os valores relativos a 2012 são proforma uma vez que incluem as participadas da Caixa Seguros e Saúde,SGPS (Fidelidade, Multicare e Cares) em forma de ativos não correntes detidos para venda e as entidades que se apresentam em forma de um empreendimento conjunto foram integradas pelo método de equivalência patrimonial.

Caixa Geral
de Depositos